



FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA
- UNIVERSIDADE DE COIMBRA -

FÁBIO JOEL BARRIGA FERNANDES VALENTE

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NO COLÉGIO SÃO
MARTINHO JUNTO DA TURMA DO 9ºA NO ANO LETIVO 2011-2012**

**COIMBRA
2012**

FÁBIO JOEL BARRIGA FERNANDES VALENTE

Nº2010111388

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NO COLÉGIO SÃO
MARTINHO JUNTO DA TURMA DO 9ºA NO ANO LETIVO 2011-2012**

Relatório de estágio apresentado à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, sob a orientação do Dr. **Francisco Pinto** e co-orientação da Professora **Luísa Mesquita**.

COIMBRA

2012

Esta obra deve ser citada como – Valente, Fábio (2012). Relatório Final de Estágio. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Agradecimentos

Sendo o Estágio Pedagógico uma das etapas mais importantes da formação, é necessário lembrar e salientar as pessoas que sempre nos apoiaram, incentivaram, e nunca nos deixaram a sós, permitindo que fosse possível atingir todos os objetivos. A todos eles os meus sinceros agradecimentos.

À Professora co-orientadora Luísa Mesquita agradeço todo o trabalho desenvolvido com ela, foi para mim de extrema riqueza logo desde a apresentação, mostrou-se uma pessoa compreensiva, justa, sincera e exigente, com uma enorme experiência e uma competência exemplar no exercício das suas funções. Para além de professora, é uma amiga, revelando-se sempre disponível para todas as dificuldades e problemas que surgiram ao longo do Estágio ajudando-me a vencer o medo e receio da minha própria inexperiência.

Ao Professor Orientador Francisco Pinto pela dedicação, ajuda e orientação o meu sincero reconhecimento.

Ao meu colega de estágio João Alcobia, pela amizade sincera, paciência e troca de opiniões foi sempre um apoio enorme e presente, quer nos momentos positivos como negativos.

À Sandra Veríssimo, pelo apoio, dedicação e amor.

E por fim aos meus pais, que foram incansáveis no apoio, na disponibilidade total, estiveram sempre ao meu lado do início ao fim.

Resumo

A elaboração deste relatório final de estágio insere-se na unidade curricular Relatório de Estágio, do quarto semestre do Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário, pela Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.

O Estágio Pedagógico foi realizado no Colégio São Martinho - Coimbra, ao longo do ano letivo 2011/2012, e apresentava como objetivo favorecer a integração dos conhecimentos teóricos adquiridos ao longo dos três anos de formação inicial e durante o primeiro e segundo semestre do Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário, através duma prática docente em situação real e orientada, de forma a profissionalizar docentes de Educação Física competentes e adequadamente preparados para a profissão.

O presente relatório visa a descrição e reflexão por parte do aluno estagiário, sobre todo o trabalho desenvolvido ao longo do estágio pedagógico e as vivências que este lhe proporcionou. A perceção de todas as necessidades, dificuldades e aprendizagens, permite avaliar de forma reflexiva e crítica, a totalidade das capacidades adquiridas favorecendo no futuro a sua adaptação no decorrer do seu percurso como docente da disciplina de Educação Física.

O constante compromisso para com as aprendizagens dos alunos e com o meio escolar assumiu-se como uma prioridade no decorrer do ano letivo, permitindo uma enorme evolução da capacidade de intervenção a nível pedagógico e de intervenção nas atividades e compromissos com o meio escolar. Esta evolução permite-nos afirmar que a profissionalização do estagiário é contínua e não incide apenas na intervenção pedagógica, mas também ao nível da comunidade escolar.

Ao longo deste relatório, perceberemos também a importância do estagiário apresentar correta ética-profissional, dado se tratar de uma característica fundamental para o desenvolvimento da profissão de docente.

Palavras-chave: Estágio Pedagógico-aprendizagens-capacidades-profissionalização

Abstract

The preparation of this final internship report is part of the Course Training Report of the fourth semester of the Master in Teaching Physical Education for Basic and Secondary Education, Faculty of Sport Sciences and Physical Education at the University of Coimbra.

The teaching stage was held in College São Martinho – Coimbra, over the academic year 2011/2012, and had intended to encourage the integration of knowledge acquired over the three years of initial training and during the first and second semester of the Master in Teaching of Physical Education of Basic and Secondary Education, through a teaching practice in a real situation-oriented, in order to professionalize Physical Education competent and adequately prepared for the profession.

This report is a description and reflection by the student intern on all the work done throughout the teaching practice and the experiences that gave him. The perception of all needs and learning difficulties, allows the evaluation in a critical and reflectively way of all the skills gained in favor the future to adapt the course through his carrier as a teacher of the discipline of physical education.

The constant commitment of student learning and school environment was seen as a priority during the school year, allowing an enormous evolution of the ability to intervene at the level of intervention and educational activities and commitments to the environment.

This development allows us to state that the professionalization of the trainee is continuous and does not focus only on the educational intervention, but also at the level of school community.

Throughout this report, we also realize the importance of the trainee to provide a proper and professional ethics, because it is an essential feature for the development of the teaching profession.

Keywords: Teaching Stage-learning-skills-professionalization

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. EXPETATIVAS E OPÇÕES INICIAIS EM RELAÇÃO AO ESTÁGIO	2
3. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	3
3.1. Planeamento.....	3
3.1.1. Plano Anual	5
3.1.2. Unidade Didática	7
3.1.3. Plano de Aula	9
3.2. REALIZAÇÃO	11
3.2.1. Instrução	12
3.2.2. Clima/Disciplina.....	14
3.2.3. Gestão.....	14
3.3. AVALIAÇÃO	17
3.3.1. Avaliação Diagnóstica	18
3.3.2. Avaliação Formativa	19
3.3.3. Avaliação Sumativa.....	20
3.4. Componente ético-profissional	21
3.5. Justificação das opções tomadas	23
4. REFLEXÃO.....	26
4.1. Ensino-aprendizagem.....	26
4.1.1. Aprendizagens realizadas como estagiário	26
4.1.2. Compromisso com as aprendizagens dos alunos	29
4.1.3. Inovação nas práticas pedagógicas	30
4.2. Dificuldades e necessidades de formação.....	32
4.2.1. Dificuldades sentidas e formas de resolução	32

4.2.2.Dificuldades a resolver no futuro ou formação contínua.....	34
4.3. Tema de estudo: A importância da instrução nas aulas de Educação Física.....	35
5.CAPACIDADE DE INICIATIVA E RESPONSABILIDADE	38
6.IMPORTÂNCIA DO TRABALHO INDIVIDUAL E DE GRUPO	40
7.QUESTÕES DILEMÁTICAS.....	42
8.IMPACTO DO ESTÁGIO NA REALIDADE DO CONTEXTO ESCOLAR	45
9.PRÁTICA PEDAGÓGICA SUPERVISIONADA	46
10.EXPERIÊNCIA PESSOAL E PROFISSIONAL.....	48
11.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51

Fábio Joel Barriga Fernandes Valente, aluno nº2010111388 do MEEFEBS da FCDEF-UC, venho declarar por minha honra que este Relatório Final de Estágio constitui um documento original da minha autoria, não se inscrevendo, por isso, no definido na alínea s do artigo 3º do Regulamento Pedagógico da FCDEF

1. Introdução

O presente documento constitui o Relatório Final de Estágio, inserido no 3º e 4º semestre da unidade curricular Relatório de Estágio, do Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Este estágio foi realizado no Colégio São Martinho de Coimbra no ano letivo de 2011/2012, com o principal propósito de formar futuros docentes da disciplina da Educação Física.

É no estágio pedagógico que o aluno confronta a teoria com a prática, através da aplicação dos conteúdos adquiridos ao longo dos anos académicos anteriores, num contexto real. Segundo Carreiro da Costa (1995), o bom professor é aquele que apresenta *“um conhecimento científico e pedagógico profundo. Que sabe responder às perguntas, o que ensinar? E como ensinar? Ou seja, um especialista em Educação Física”*. Desta forma, o Estágio pedagógico irá ser a oportunidade de realizarmos estas aprendizagens nas escolas, através de respostas concretas e reais. Com isto, é notório referir que a formação inicial é um passo muito importante na construção de futuros docentes, sendo a base de todas as suas práticas.

Por forma a garantir a qualidade do ensino, é necessário que seja realizada uma reflexão sobre a ação pedagógica, permitindo perceber quais as razões dos sucessos e insucessos. Para Stenhouse, L. (2004), de modo a que a investigação do professor seja útil, é necessário que estes confirmem nas suas aulas as implicações teóricas. Por outro lado, Siedentop, D. (1998), refere que os professores devem refletir sobre as suas práticas docentes e sobre os efeitos que estas produzem nos alunos.

A elaboração deste relatório final apresenta então como objetivo final, a realização de uma auto-reflexão por parte do professor estagiário, sobre todas as atividades desenvolvidas pelo mesmo ao longo desta etapa da formação profissional, que é o Estágio Pedagógico. Desta forma, ao longo deste documento serão apresentadas as expectativas iniciais do professor estagiário, relativamente ao ano de estágio pedagógico, e serão descritas todas as tarefas realizadas individualmente e pelo grupo. Também presentes estarão reflexões sobre as aprendizagens realizadas como estagiário, os compromissos com as aprendizagens

dos alunos, as práticas pedagógicas, as dificuldades sentidas e formas de resolução, as dificuldades a resolver no futuro, a capacidade de iniciativa e responsabilidade, a importância do trabalho individual e de grupo e as questões dilemáticas.

2. Expectativas e opções iniciais em relação ao estágio

O Estágio Pedagógico é um momento fundamental enquanto processo de transição de aluno para professor. As expectativas relativamente ao estágio eram elevadas, fundamentalmente na consolidação das aprendizagens realizadas até então.

Está no consciente o aproximar de um ano bastante trabalhoso, mas com a convicção de que terá a possibilidade de demonstrar em contexto real todo o conhecimento adquirido ao longo dos anos de licenciatura e no primeiro ano de mestrado

A capacidade de integração no contexto escolar era considerado um ponto fulcral, pois sendo o nível de experiência baixo ou inexistente fez com que houvesse dúvidas e incertezas. Contudo, existindo o sentimento de ser parte integrante do grupo, alicerçado no reconhecimento pelo trabalho desenvolvido e de não desapontar as pessoas envolvidas, funcionaram como fator de motivação nesta nova etapa.

Face ao referido anteriormente, o professor estagiário pretendia encontrar um bom ambiente de trabalho, onde houvesse compreensão e espírito de entreajuda. Focando especificamente a disciplina de Educação Física, esperava encontrar alunos com índices motivacionais elevados para a prática de atividade física e que os casos de indisciplina não fossem uma presença assídua. Em termos de Departamento de Educação Física, esperava que a experiência dos outros professores fosse um auxílio durante todo o estágio, quer pela transmissão de conhecimentos relativos ao ensino da Educação Física, bem como de situações vividas.

No fim deste Estágio Pedagógico, o professor estagiário tem como expectativa a aquisição de conhecimentos relativamente ao planeamento, intervenção pedagógica e avaliações, de modo que estes lhe permitam desempenhar a função

de professor de Educação Física de forma competente, qualquer que seja a escola, ano escolar ou turma.

3. Atividades desenvolvidas

Ao longo do Estágio Pedagógico, todo o trabalho realizado durante o ano letivo e direcionado para uma turma, permitiu desenvolver diversas competências inerentes a todo o processo de ensino-aprendizagem.

O desenvolvimento e concretização de todo este trabalho permitiu colocar em prática todos os conhecimentos adquiridos anteriormente, sendo ajustados da melhor forma possível à turma e realidade escolar.

De forma a descrever as atividades realizadas, serão apresentados quatro âmbitos, sendo eles o planeamento, a realização, a avaliação e a componente ético-profissional.

3.1 Planeamento

“Os trabalhos de planeamento do professor de Educação Física relacionam a direcção essencial das exigências e conteúdos programáticos com a situação pedagógica concreta. Isto implica o jogo conjunto das indicações programáticas (pré-planeamento central) e das condições e acções (locais) que as prolongam e concretizam. Este ajustamento das indicações centrais à situação concreta é necessário em todas as circunstâncias, tanto mais que as condições de cada escola – e mesmo no interior da mesma escola – são bem distintas (qualificação e empenhamento dos professores, estado de rendimento e comportamento dos alunos, nível e domínios da prática desportiva extralectiva e extra-escolar, condições materiais e até climatéricas e territoriais).”

Bento, A. (2003)

Com base no que foi referido em cima por Bento, A (2003), foram realizados todos os documentos referentes ao planeamento durante todo o ano letivo. Tal como o autor referiu, estes podem e devem ser ajustados ou adaptados face à população a que se destina.

“O ato de planificação caracteriza-se como sendo a parte inicial da ação pedagógica, onde o professor identifica as necessidades de conhecimento dos alunos, das turmas e das finalidades educativas que esta comporta”. (Sanchez e Jacinto, 2004).

Tendo em conta o referido pelo autor, o professor deve inicialmente fazer um planeamento geral, passando depois para níveis mais específicos. Como tal, e de modo a adequar as informações presentes em cada planeamento aos diversos momentos do ano, foram elaborados vários documentos segundo três níveis de planeamento, sobre uma lógica progressiva, do mais abrangente para o mais específico, documentos esses que serão referidos mais abaixo. Resumindo numa frase, a função mais concreta do planeamento é *“transformar e modificar o currículo, adaptando-o às circunstâncias de cada situação de ensino”* (Januário 1996).

Ora, três níveis citados anteriormente, foram explorados de forma e modo diferentes. O primeiro nível foi mais abrangente, construindo o plano anual. Num segundo nível foram realizadas as unidades didáticas das diversas modalidades que iriam ser abordadas, e no terceiro nível foram elaborados os planos de aula.

A construção de um planeamento constitui, neste âmbito, uma ferramenta que transmite segurança, controlo, e flexibilidade, permitindo mudanças nas práticas pedagógicas na adequação de outras metodologias, ou selecionando atividades ou conteúdos que tenham em vista as dificuldades e interesses dos alunos.

Apesar de existir um guia orientador, o Programa Nacional de Educação Física, não poderá ser considerado como o exponencial máximo, já que todas as escolas diferem entre si, existindo desta forma a necessidade de haver adaptações em cada uma. Ora, estas condicionantes influenciam e limitam o professor na realização de documentos referentes ao planeamento. Assim, é pertinente perceber os elementos externos, pois podem influenciar de forma significativa a realização.

Perante todo este complexo processo, os diversos planeamentos tinham um objetivo comum: a adequação do processo Ensino-aprendizagem às condições com que nos fomos deparando.

Em seguida, serão apresentados os aspetos mais relevantes relativo às diferentes fases do planeamento- Planeamento Anual, Unidades Didáticas e Planos de Aula

3.1.1. Plano Anual

Segundo Bento, A. (2003), *“a elaboração do plano anual constitui o primeiro passo do planeamento e preparação do ensino e traduz, sobretudo, uma compreensão e domínio aprofundado dos objectivos de desenvolvimento da personalidade, bem como reflexão e noções acerca da organização correspondente do ensino no decurso de um ano letivo.”* O autor revela ainda que o plano deve ser realizado de uma perspetiva global, por forma a integrar e concretizar o programa de ensino local face às pessoas envolvidas. Contudo, é difícil ser eficaz “se não for concebido num todo harmonioso, se não forem concebidas as condições e articulações concretas no seu decurso, durante todo o ano letivo” (Bento, 1998).

O plano anual é assim considerado como a unidade estrutural do processo de ensino-aprendizagem que será desenvolvido durante o ano letivo. Desta forma, torna-se um elemento essencial que visa apoiar e orientar o professor, já que possui os conteúdos gerais orientadores do processo ensino-aprendizagem da turma ao longo do ano letivo determinando um seguimento lógico de atuação. Segundo Bento (2003), a elaboração do Plano Anual deve ser exequível, logo didaticamente adequado e rigoroso, que oriente o professor para todos os aspetos essenciais, tendo por base as orientações programáticas em análise com a situação da turma e escola inserida.

A elaboração do Plano Anual para a turma A do 9º Ano do Colégio São Martinho para o ano letivo de 2011/2012, teve por base os seguintes aspetos: objetivos do plano anual, caracterização da escola, as competências a desenvolver, plano anual de turma, caracterização de turma, avaliação; perfil do aluno, estratégias de aprendizagem e atividades propostas para a turma.

No primeiro ponto desenvolvido no plano anual, foram referidos os objetivos da realização deste documento, para que o professor interprete os objetivos da sua realização.

O segundo ponto, a caracterização da escola, revelou-se um dos pontos mais importante, já que permite ao professor conhecer todo o contexto social, cultural e económico da escola onde está inserido, como também um conhecimento profundo face às infraestruturas da escola, caracterização da população escolar, horário dos vários serviços, equipamento desportivo existente e por fim algumas atividades anuais. É de salientar que toda a documentação e informação são captadas através da caracterização física da escola, equipamento desportivo disponível e atividades anuais existentes, pois são dados pertinentes no planeamento de todo o processo de ensino – aprendizagem. No caso da disciplina de Educação Física, é imperativo o conhecimento de todo o material desportivo existente e também todos os espaços disponíveis para o leccionamento das aulas, já que é através da sua conjugação com o plano anual e sistema de rotação de espaços que se pode estruturar todo o planeamento e estratégias de ensino a aplicar.

O terceiro ponto desenvolvido referiu-se às competências. No plano anual está presentes todas as competências a desenvolver pelos alunos ao longo do ano letivo, quer em competências comuns a todas as áreas como por área específica, neste caso da disciplina de Educação Física.

O quarto ponto apresentado foi o plano anual de turma. Neste item foram apresentadas informações acerca das matérias a lecionar, sistema de rotação de espaços e também atividades da escola. Outras informações pormenorizadas e aprofundadas no plano anual de turma foram o número das aulas, onde as aulas serão lecionadas, modalidades a abordar, atividades que a turma irá realizar e momentos de avaliação. O sistema de rotação pelos espaços de aula tinha uma duração variada, embora o normal fosse quatro ou cinco semanas em cada espaço, permitindo desta forma decidir o momento das diversas unidades temáticas ao longo do ano.

A caracterização da turma foi o quinto item apresentado no plano anual. Este estudo efetuado à turma teve como objetivo obter um conhecimento mais profundo de cada um dos alunos, permitindo ao professor perceber determinado tipo de ação ou resposta por parte do aluno. Por outro lado, permite ao professor atuar de modo

mais eficaz e definir determinadas estratégias que se adequem a casos específicos. Para a elaboração deste estudo, foi criado e fornecido pelo professor estagiário no 1º dia de aulas um inquérito individual, contendo incidência na progressão escolar, a situação familiar, ocupação dos tempos livres, problemas de saúde e disciplinas preferidas por parte dos alunos.

O sexto ponto desenvolvido foi a avaliação da disciplina. São descritos os três tipos de avaliação a realizar, diagnóstica, formativa e sumativa, definindo toda a avaliação dos alunos, metodologia de registo e os critérios de avaliação. Também neste ponto estão presentes os relatórios de avaliações diagnóstica, que se mostraram indispensáveis no planeamento de todas as matérias abordadas nas aulas.

A caracterização do perfil do aluno foi o sétimo ponto presente no plano anual. Tal foi definida pelo grupo da disciplina e enumerou os comportamentos que correspondem a cada nível, que é compreendido do um ao cinco. De salientar que a caracterização dos alunos em cada um dos níveis tem sempre em consideração os três domínios comportamentais.

Após este último ponto, foram planeadas as estratégias de ensino a utilizar ao longo do ano, consoante as unidades didáticas presentes. Nesta fase, foi importante definir as estratégias a aplicar nas várias fases da aula, sendo referidos os comportamentos e ações presentes em cada uma destas.

3.1.2. Unidade Didática

“As unidades didáticas são partes essenciais do programa de uma disciplina. Constituem unidades fundamentais e integrais do processo pedagógico e apresentam aos professores e alunos, etapas claras e bem distintas de ensino e aprendizagem”. (Bento, 1987).

Segundo Bento (1987), *“é na Unidade Didática que reside precisamente o cerne do trabalho criativo do professor”*. Desta forma, a realização deste documento visa a estruturação de todos os meios que estão inseridos na sua lecionação. Inicia-se com a caracterização de todos os gestos técnicos e aspetos táticos inerentes à sua prática, tal como os objetivos e as estratégias a definir tendo sempre em conta

as capacidades demonstradas pela turma. Além disso, é necessário adequar esse nível dos alunos face aos regulamentos, recursos, progressões pedagógicas, tipos de avaliação e por fim realizar uma interpretação dos resultados obtidos. Em suma, este documento serve de apoio ao professor durante toda a sua carreira, tendo em vista o sucesso do processo ensino-aprendizagem de forma objetiva e ao mesmo tempo flexível a qualquer reajustamento necessário.

A elaboração da Unidade Didática visa o planeamento específico de todo o processo de ensino-aprendizagem de uma certa modalidade, para que sejam desenvolvidos e atingidos os objetivos propostos. Desta forma, todo o tipo de abordagem aos diversos conteúdos das modalidades que pretendemos que os alunos desenvolvam na unidade didática são planeados de forma sistemática. Para tal, o documento necessita de ser flexível, ou seja, permite que possa ser reajustado face a evoluções ou dificuldades acrescidas demonstradas pelos que alunos.

Analisando a estrutura da unidade didática, numa primeira fase é abordada a vertente histórica da modalidade, as suas características, regras e conteúdos técnicos e táticos, caso seja uma modalidade coletiva.

Após esta fase inicial, são apresentados os recursos disponíveis para a lecionação da modalidade. Como tal, são identificados os recursos materiais, recursos espaciais, recursos humanos e recursos temporais. Todos os recursos citados fazem parte da unidade didática, e representam um dos pontos essenciais em relação ao restante planeamento, já que é através da sua interligação com os objetivos a desenvolver pelos alunos que o professor poderá definir todo o restante planeamento da modalidade.

Um dos pontos mais importantes na definição dos objetivos específicos e gerais da modalidade a abordar é o relatório de avaliação inicial/diagnóstica da modalidade. É através desta avaliação que o professor conseguirá perceber qual o nível geral da turma e a melhor forma de abordar os conteúdos.

Após a definição dos objetivos, é apresentado no documento uma série de progressões pedagógicas, aplicáveis nas aulas para o desenvolvimento dos conteúdos a abordar. Neste âmbito, Siedentop, D. (1998) indica que quando um professor ensina uma atividade onde apresenta menos à vontade, quer seja por um menor nível de conhecimentos ou gosto pessoal, as progressões serão essenciais

para que possa ultrapassar as dificuldades na transmissão da mensagem aos alunos.

Após serem apresentadas as progressões pedagógicas, é abordada a avaliação da modalidade, onde são onde descritos os três tipos de avaliação, inicial, formativa e sumativa. O relatório da avaliação inicial fica também presente neste âmbito, sendo depois definidos também os critérios de avaliação prática.

Através de todas as informações recolhidas até esta fase, é possível ao professor elaborar da melhor forma a extensão e sequência de conteúdos por aula, sendo que esta planificação facilitará ao professor a elaboração dos planos de aula numa fase posterior. Contudo, é necessário referir tal como anteriormente, a flexibilidade neste tipo de documento é essencial, já que apesar de haver aspetos pré definidos, existem itens ou conteúdos que necessitam de ser ajustados face à evolução ou problemas que não se podem controlar, como a não lecionação de aulas face a alguns testes (no Colégio São Martinho, os professores das várias disciplinas alternam no controlo da turma durante a realização dos testes de avaliação), ou até condições climatéricas adversas. Desta forma, torna-se fulcral o professor assumir uma atitude de reflexão, análise e ajustamento.

Apesar de existirem no plano anual definidas algumas estratégias de ensino, nas unidades didáticas também serão novamente definidas mas de forma mais específica consoante a modalidade abordada.

Tendo em conta o conceito abordado por Stenhouse (2004), “*professor investigador*”, este documento deve ser submetido a uma reflexão crítica por parte do professor depois de realizado na prática. Este balanço final é apresentado no final do documento, abordando pontos como balanço da unidade didática, análise das decisões de ajustamento, comparação entre avaliação inicial e final e estratégias adotadas.

3.1.3. Plano de Aula

Apesar de estar colocado num patamar inferior ao do planeamento, isto não significa que o plano de aula tenha menor ênfase no processo ensino-aprendizagem, pois exige uma enorme dedicação a sua elaboração para cada uma das aulas.

Segundo Bento, J. (1987) as *“aulas exigem boa preparação”*. O mesmo autor salienta que o planeamento de uma aula é essencial, já que é o encontro entre o pensamento cognitivo do professor e a passagem à prática.

Desta forma, foi adotado desde o início do ano letivo um modelo de plano de aula criado pelo professor estagiário que apresentava o planeamento dos seguintes pontos: objetivos da aula, recursos materiais, gestão do tempo de aula, tarefas planeadas, critérios de êxitos, organização dos alunos em cada momento de aula e as componentes críticas. Todos estes pontos presentes no plano de aula permite ao professor obter um maior controlo em todas as fases e vertentes da aula.

Para que seja possível a concretização dos objetivos a desenvolver e o compromisso para com as aprendizagens dos alunos, a elaboração do plano de aula necessita de reunir as diversas informações nos documentos anteriormente descritos.

Na execução do plano de aula, houve uma preocupação inequívoca num aspeto essencial numa aula de Educação Física: máximo tempo de empenhamento motor.

Para que tal fosse possível, foram planeadas tarefas dinâmicas e adequadas ao nível dos alunos e objetivos de aula. Também o nível das tarefas foi diferente consoante as fases da aula, nomeadamente parte inicial, fundamental e final.

A escolha dos exercícios foi outra tarefa complexa na execução do plano de aula. Com o passar do tempo, tornou-se mais fácil perceber o tipo de tarefas em que os alunos demonstram mais interesse. Assim, foi procurado criar sempre tarefas que levassem os alunos a desenvolver os conteúdos pretendidos, tendo sempre em conta o seu gosto pessoal, que influênciava de forma significativa o bom clima de aula.

Tal como todos os outros planeamentos elaborados sobre o processo ensino-aprendizagem, também o plano de aula, após a sua concretização, necessitava de ser alvo de uma análise por parte do professor. A análise era obtida através de uma conversa reflexiva, entre o professor estagiário, a Professora Orientadora da escola e também dos colegas de estágio, que tinham assistido a algumas aulas. Como tal, no final de cada aula era executado um relatório escrito, tendo em conta todas as críticas construtivas acerca de situações positivas e negativas ocorridas. Novamente, a reflexão voltou a ser essencial no processo de evolução do professor

estagiário, conseguindo que fosse possível melhorar de forma significativa as condições de aprendizagem aos alunos.

3.2. Realização

A concretização deste ponto, que é a realização do processo ensino-aprendizagem, mostrou-se para o professor estagiário, como o maior desafio do Estágio Pedagógico. Os motivos que encontrei para esta dificuldade foram, por um lado a inexperiência do professor estagiário no campo da intervenção pedagógica, por outro a responsabilidade de conduzir o ensino, garantindo todas as condições para as alunos aprenderem.

As primeiras aulas revelam-se decisivas para toda a intervenção pedagógica, já que possibilitaram ao professor controlar e conhecer de forma geral as características da turma. O facto de permitir a observação real dos aspetos positivos e negativos da aula, assim como das atitudes, comportamentos e necessidades da turma, tornou-se importante numa futura adequação da sua atuação como docente.

Mais uma vez, as reflexões realizadas no final de cada aula, com a Professora Orientadora e com os colegas estagiários, foram fulcrais de forma a identificar os pontos fortes e fracos da aula. Desta forma, todas as adaptações necessárias iriam ao encontro das efetivas necessidades dos alunos, levando naturalmente ao desenvolvimento das capacidades.

Segundo Pieron (1985), existem quatro fatores que podem ser vistos como fulcrais na eficácia do ensino, nomeadamente: o tempo passado na tarefa, a organização cuidada do trabalho, o clima positivo da aula, uma informação frequente e adequada do estado das realizações dos alunos.

Assim, a realização combina nas seguintes dimensões, todas elas interligadas: Instrução, Gestão e Clima/Disciplina. Torna-se essencial o cumprimento destas dimensões como um todo, tendo em vista o sucesso de cada aula e também do processo ensino-aprendizagem contido nesta.

3.2.1. Instrução

“A instrução é uma forma de manifestar-se o ensino, onde se focaliza os aspetos de conhecimentos e saberes da realidade objetiva e subjetiva, que complementam a formação qualificada”. (Neuner, G.1981)

A dimensão instrução mostrou-se, ao longo de todo o ano letivo, a parte da intervenção pedagógica onde o professor estagiário necessitava de evoluir muito enquanto docente. Segundo Graça (2006), *“o termo instrução aparece frequentemente confiando às intervenções verbais do professor relativas à transmissão de informação, às explicações, diretivas, chamadas de atenção, acompanhadas ou não de demonstração”.* Assim, o professor estagiário encontrou no início do Estágio Pedagógico uma realidade com a qual não estava familiarizado, sendo um aspeto pelo qual sentia dificuldade. Apesar de o contacto direto com os alunos não fosse um problema, o facto da transmissão não ser captada da melhor forma pelos alunos era motivo de preocupação. Depois, a ansiedade e o nervosismo de querer realizar tudo da melhor forma era um obstáculo que necessitava de ser ultrapassado. Nesta perspetiva, Siedentop (1998), considera que *“uma instrução é eficaz quando os alunos escutam e compreendem a informação, e quando esta informação lhes permite empenhar-se na atividade descrita”.* Desta forma, o professor estagiário procurava ir ao encontro das necessidades e dificuldades da turma, intervindo sempre que necessário de maneira eficaz, com o intuito de desenvolver competências num determinado domínio de conteúdos.

Nas primeiras aulas, a instrução que o professor estagiário realizava nas diferentes partes da aula, não cumpria sempre os requisitos que foram vislumbrados anteriormente, devido à inexperiência. Um dos principais problemas foi a demora na preleção, muitas vezes demasiado longa e pouco objetiva. Por vezes, a seleção das componentes e dos critérios de êxito não se mostraram totalmente adequados, devido à variabilidade dos níveis de execução dos alunos. Contudo, com os feedbacks permanentes da Professora Orientadora, o professor estagiário sentiu que esta foi uma das grandes evoluções nas dimensões da aula. É de salientar que houve uma alteração na comunicação, tornando-se mais clara e objetiva, permitindo que o processo de ensino-aprendizagem fosse mais eficiente, e desta forma a aula tornou-se mais dinâmica.

Segundo Siedentop (1998), “os professores de Educação Física dedicam entre 10 a 50% do tempo de aula em instrução”. A parte inicial e final são dois momentos essenciais numa aula, onde o professor estagiário tentava sempre dar alguma continuidade face à aula anterior, e também uma perspetiva global da aula presente. O questionamento não foi uma das vertentes abordadas nas primeiras aulas, pois primeiro houve um conhecimento individual de cada aluno, contudo com o decorrer das aulas passou a ser executado no final das aulas e até no decorrer das mesmas, perante alguma dúvida mais significativa.

Em relação à fase fundamental, quando utilizadas estações de trabalho, o professor estagiário tentava sempre realizar uma circulação ativa mas com ângulo de visão alargado, de forma a controlar a turma, e também a fornecer vários tipos de feedback. Contudo, em algumas unidades didáticas, especialmente na modalidade de Ginástica de Solo e Ginástica de Aparelhos, havia alguma dificuldade na visão de todas as estações, visto que algumas destas necessitavam de uma atenção superior devido ao grau de dificuldade na execução e também da integridade física dos alunos.

Uma das formas de ajudar e clarificar a mensagem aos alunos é a demonstração. Segundo Bañuelos, F. (1992), o canal visual constitui um meio rápido e direto de dar informação, já que oferece a possibilidade de representar a imagem da ação na forma imediata. O autor salienta que o tempo gasto na instrução que se pode dar de forma verbal é muito superior ao que se pode proporcionar através da demonstração. Através da perspetiva do autor, a demonstração possui a vantagem de demonstrar aos alunos a forma ou modo de realização do movimento que pretendemos ensinar, ou seja, elucidar de forma rápida e eficiente a execução e respetivas consequências, permitindo rentabilizar o tempo de aula ao máximo, essencial numa aula de Educação Física. Em algumas aulas, face ao à vontade em algumas modalidades (nomeadamente coletivas), a instrução visual foi realizada pelo próprio professor estagiário. De referir que em alguns momentos foi solicitada a demonstração por parte de um aluno, já que era possível deste modo, instruir os restantes alunos, de forma oral ou gestual, sobre as respetivas componentes críticas ou critérios de êxitos a abordar. Esta situação mostrou ser bastante eficaz, nomeadamente em exercícios de vertente tática nas modalidades coletivas.

3.2.2. Clima/Disciplina

“Os comportamentos desviantes ou de indisciplina parecem figurar entre os que, mais frequentemente, apresentam uma relação negativa com as aprendizagens e com o clima da aula, sendo os comportamentos perturbadores dos alunos percebidos pelos professores como ameaças à criação de um clima pedagógico favorável e, conseqüentemente, às aprendizagens.”

Januário, N.; Rosado, A.; Marques, I. (2006)

Através do parágrafo referido em cima, podemos perceber a proximidade que existe entre estas duas dimensões numa aula. Contudo, existe uma outra dimensão que condiciona categoricamente o comportamento dos alunos durante a aula.

No início do ano letivo, a turma apresentou-se motivada e empenhada, tornando a ligação entre o professor estagiário e os alunos muito próxima. Contudo, foi necessário haver algum controlo na turma, nomeadamente num limite de confiança de modo a não haver comportamentos de indisciplina, como conversas paralelas, incumprimento de tarefas ou regras de segurança. Apesar de em algumas aulas terem acontecido, optou-se sempre por uma conversa e chamar a atenção aos alunos. Segundo Siedentop (1998), nas aulas de Educação Física existem dois comportamentos de indisciplina mais notados, como os atrasos e o exibicionismo. Na turma que lecionei, os atrasos raramente se verificaram, no entanto os comportamentos exibicionistas existiram em algumas aulas, sendo que os alunos foram chamados à atenção, e muitas vezes tiveram de ser colocados à parte dos outros alunos de modo a perceberem o quanto estavam a ser perturbadores para a dinâmica de aula.

Relativamente à disciplina, e segundo Siedentop (1998) é uma das vertentes mais importantes numa aula, já que os alunos aprendem substancialmente melhor quando estão perante uma aula disciplinada. Tal como foi referido anteriormente, o professor estagiário deparou-se com alguns comportamentos exibicionistas por parte de alguns alunos. Se este comportamento não fosse muito grave e não influenciasse diretamente os outros alunos, optava por ignorar esta ação dando um pouco de mais

atenção aos restantes alunos, por forma a não interromper o que se estava a fazer e para que o aluno visado percebesse que a sua ação não estava a ter o efeito que este pretendia. Se a ação fosse repetida mais vezes, ou estavam a perturbar a aula de forma significativa, o professor estagiário recorreu à repreensão oral, questionamento ao aluno em questão, e por vezes castigo como sentar-se ou arrumar o material.

Ao longo de todo o ano letivo houve algumas estratégias tomadas tendo em vista a redução dos casos de indisciplina, tais como, a separação dos alunos que apresentavam frequentemente alguns comportamentos incorretos ou desestabilizadores (nomeadamente nas aulas de ginástica); boa gestão do tempo de instrução, tentando não prolongar de forma exaustiva a explicação das tarefas (foi uma das vertentes onde o professor estagiário mais evoluiu, já que sentiu alguma dificuldade nas primeiras aulas, tal como descrito anteriormente no relatório).

Voltando novamente a focar Siedentop (1998), este refere que *“existem muitos professores de Educação Física para quem é suficiente os seus alunos comportarem-se de forma apropriada e estarem divertidos a praticar uma atividade desportiva”*. Ora, é verdade que estes tipos de professores conseguem obter um clima de aula favorável, contudo desta forma não estão focados no objetivo principal da aula, que é o de ensinar. O professor estagiário, ao longo do ano letivo, e de modo a conjugar o clima de aula com as aprendizagens dos alunos, utilizou diversas estratégias como jogos lúdicos, tarefas competitivas, números de pontos alcançados, entre outras. Tudo isto fez com que a motivação dos alunos pela aula fosse maior, tendo sempre presentes os conceitos de cada modalidade abordada. Conseguindo obter, um bom clima de aula, tornou-se um pouco mais fácil que os alunos se empenhassem nas tarefas propostas, bom relacionamento entre os colegas e com o professor estagiário. Por outro lado, os próprios alunos mostraram-se mais recetivos face às instruções ou feedback por parte do professor estagiário, quer para elogiar ou corrigir alguma ação.

3.2.3. Gestão

Ao longo de uma aula, são várias as tarefas que um professor tem de executar. Neste sentido, a sua organização deve ser direcionada por forma a responder a todos os alunos, fazendo com que a instrução e a ordem durante a aula estejam interligadas entre si. Segundo Santos, M (2007), citando Gilberts e Lignugaris-Kraft (1997) indicam quatro tarefas, as quais o professor necessita ter em conta por forma a gerir todo o ambiente da intervenção pedagógica, assim como o comportamento dos alunos na sala de aula: formulação de um padrão de comportamento dos alunos na turma; disposição do ambiente físico de forma a facilitar a gestão dos alunos; implementação de estratégias para aumentar o comportamento adequado e diminuir o inapropriado e avaliar ou medir a eficácia das estratégias implementadas. Tendo em conta estes quatro pontos, e com o intuito de melhorar o processo de ensino-aprendizagem, o professor estagiário tentou sempre implementar as estratégias que melhor se adequaram à turma.

Outro aspeto que por vezes não é tão simples de controlar numa aula é a gestão dos tempos. No início do ano letivo, esta era uma vertente pela qual existia uma maior preocupação, sobretudo em controlar de forma segura todos os tempos da aula. Contudo, através da interação com a aula, os alunos, e o ambiente, tornava-se uma tarefa algo complexa. É notório que o professor estagiário com a preocupação do feedback quer individual ou de grupo, fez com que houvesse em algumas alturas um reajustamento do tempo de prática das tarefas. Uma das estratégias de combater esta situação era selecionar exercícios em que o tempo de transição fosse o mais curto possível.

Outra dimensão da gestão tida em conta pelo estagiário em aula diz respeito à gestão emocional dos alunos. Nesse sentido, foi procurado pelo professor estagiário criar uma relação de proximidade e confiança para com os alunos, para que a motivação e empenho fossem os pretendidos face às aprendizagens na aula. Tendo em conta esta dimensão, segundo Santos, M. (2007) “o rendimento escolar e comportamento produtivo são influenciados pela qualidade da relação professor-aluno”

Relativamente à gestão das aprendizagens dos alunos, estas foram conseguidas através do planeamento das aulas, mas sobretudo dos ajustamentos

necessários face às evoluções demonstradas pela turma. Por forma a gerir as aprendizagens dos alunos, estes trabalharam na maioria das aulas em grupos de nível, o que permitiu ao estagiário diferenciar ou adequar o ensino face à necessidade dos alunos.

Antes de iniciar a aula, o professor estagiário teve sempre a preocupação de preparar toda a disposição do material. Esta situação não alterava em nada o tempo de prática efetivo, contudo era uma forma de iniciar a aula mais rapidamente após a instrução inicial.

Nas primeiras aulas, o professor estagiário deparou-se com uma turma muito empenhada e motivada, contudo o facto de não conhecerem as rotações nas tarefas, levou a que a instrução dos exercícios, sobretudo na parte principal, fosse um pouco demorada. Nessa altura, foi aconselhado pela Professora Orientadora a executar todas essas tarefas através da demonstração (com professor e alunos em simultâneo), indicando qual o sentido das rotações, sendo que estas deviam ser sempre iguais em todas as aulas de modo a que houvesse uma interpretação mais rápida por parte dos alunos. Esta estratégia revelou-se muito importante, sendo aplicada nas diferentes modalidades, sobretudo as coletivas. Outra estratégia implementada tendo em vista a rentabilização do tempo de prática dos alunos foi a estruturação de exercícios semelhantes de uma aula para a outra, já que os alunos necessitam inicialmente de um tempo de adaptação a determinadas tarefas para depois conseguirem apresentar um tempo superior de empenhamento nas mesmas com um índice potencial de aprendizagem superior. De salientar ainda que a lecionação das aulas por estações contribuíram significativamente para que a transição de tarefas nas aulas fosse executada de forma mais rápida, tornando assim o tempo de empenhamento dos alunos superior.

3.3. Avaliação

“A função de avaliar corresponde a uma análise cuidada das aprendizagens conseguidas face às aprendizagens planeadas, o que se vai traduzir numa descrição que informa professores e alunos sobre os objetivos atingidos e aqueles onde se levantaram dificuldades.”

(Ribeiro & Ribeiro, 1990)

Através das situações apresentados por Ribeiro, A, Ribeiro, L. (1990), podemos perceber que existe uma análise importante que permite não só informar o professor como também é para os alunos relativamente aos conteúdos que adquiriram. Ou seja, é uma “ferramenta” de orientação para os alunos perceberem quais os aspetos onde necessitam de trabalhar mais por forma a evoluírem. Tal também está presente no Capítulo 10º, do Decreto – Lei 74/2004, “a avaliação consiste no processo regulador das aprendizagens, orientador do percurso escolar e certificação das diversas aquisições realizadas pelos alunos, e tem por objetivo a aferição de conhecimentos, competências e capacidades dos alunos e a verificação do grau de cumprimento dos objetivos globalmente fixados para o nível de educação”.

A avaliação pode desempenhar três funções: melhorar as condições de aprendizagem; melhorar o processo de aprendizagem e melhorar o resultado de aprendizagem. Podemos chamar a estas três funções, respetivamente, orientação, regulação e certificação. (Cardinet, J., 1993)

Concordando com Ribeiro, A. Ribeiro, L. (1990) e tendo em conta as funções de avaliação definidas por Cardinet (1993), o professor estagiário procedeu a três tipos fundamentais de avaliação, nomeadamente: avaliação diagnóstica, avaliação formativa e avaliação sumativa, sendo necessário trabalhá-las de forma conjunta.

3.3.1. Avaliação Diagnóstica

Segundo Ribeiro, A.; Ribeiro, L. (1990), “*a avaliação diagnóstica tem como objetivo fundamental proceder a uma análise de conhecimentos e aptidões que o aluno deve possuir num dado momento para poder iniciar novas aprendizagens*”.

A avaliação diagnóstica visa a obtenção de informações relativamente ao nível de ensino onde se encontram os alunos, “*permitindo prescrever as medidas que se afiguram adequadas face aos objetivos em vista*”. (Cardinet, J.1993)

No início do ano letivo, programou-se a realização das avaliações diagnósticas na primeira aula de cada modalidade a abordar ao longo do ano. Estas informações recolhidas permitiram ao professor estagiário estruturar os processos de ensino-aprendizagem, com a elaboração da extensão e sequência de conteúdos, seleção de estratégia de ensino, e por fim adaptar as aprendizagens às necessidades e dificuldades evidenciadas pela turma. Tal como defende Ribeiro, A; Ribeiro, L. (1990) é através destas primeiras informações que é possível perceber se os alunos apresentavam os pré-requisitos necessários para a introdução da nova unidade ou se já apresentavam adquiridas algumas aprendizagens da nova unidade.

Nas várias avaliações diagnósticas, para o domínio motor, os alunos foram avaliados segundo as situações de exercitação definidas pelo grupo de Educação Física. As grelhas de avaliação utilizadas pelo estagiário foram criadas pelo próprio de forma a obter um registo individual de cada aluno, tendo em conta o nível de execução em termos técnicos e táticos (no caso de modalidades coletivas).

No início do ano, face à dificuldade em reconhecer e diferenciar os alunos, o professor estagiário recorreu à estratégia de utilizar junto às grelhas a folha de identificação com a fotografia dos alunos. Desta forma, foi mais fácil decorar os nomes dos alunos, influenciando a relação do professor para com os alunos. De salientar também que a primeira avaliação diagnóstica dos alunos não foi a mais precisa, devido à dificuldade em analisar os alunos em prática e ao tipo de exercícios mais adequados à turma.

Por fim, referir que em todas as modalidades, após realizada a respetiva avaliação diagnóstica, foi realizado um relatório analisando os resultados obtidos, apresentado as principais dificuldades e facilidades na turma, definindo desta forma o ponto inicial para o planeamento da unidade didática

3.3.2. Avaliação Formativa

Segundo Ribeiro, A; Ribeiro, L. (1990), *“a avaliação formativa acompanha todo o processo de ensino-aprendizagem, identificando aprendizagens bem-sucedidas e as que levantaram dificuldades, para que se possam remediar estas*

últimas e conduzir a generalidade dos alunos à proficiência desejada e ao sucesso nas tarefas que realizam.”

A partir da citação anterior, a avaliação formativa foi realizada de forma sistemática ao longo das unidades de ensino, tentando perceber quais os progressos dos alunos em relação aos objetivos planeados, tendo sempre em vista a adequação necessária do ensino.

Neste âmbito da avaliação, o professor estagiário realizou uma avaliação menos formal em comparação com os outros dois tipos de avaliação. Contudo, foi realizado um registo individual dos alunos em relação aos aspetos do domínio sócio-afetivo, nomeadamente a pontualidade, assiduidade, empenho, comportamento e participação. Em relação ao domínio cognitivo, era realizado no início ou final da aula, consoante os conteúdos abordados na aula anterior e na presente.

3.3.3. Avaliação Sumativa

Segundo Ribeiro, A; Ribeiro, L. (1990), a avaliação sumativa diferencia-se das restantes avaliações sobretudo pela sua intenção de realização. O autor refere que *“a avaliação sumativa procede a um balanço de resultados no final de um segmento de ensino-aprendizagem, acrescentando novos dados aos recolhidos pela avaliação formativa e contribuindo para uma apreciação mais equilibrada do trabalho realizado.”*

A avaliação sumativa foi realizada no final de cada unidade didática, tendo como principal objetivo verificar a progressão dos alunos e avaliar as suas aprendizagens, classificando-os num dos níveis definidos. Tal como refere Ribeiro, A; Ribeiro, L. (1990), *“ a avaliação sumativa, dadas as finalidades que serve, é utilizada, habitualmente, no final de um segmento de ensino...”*, *“...podendo este corresponder a uma unidade de aprendizagens ou a um conjunto de unidades mais curtas”*. Assim, o professor estagiário observou os níveis de conhecimento dos alunos de forma a interpretar a sua progressão, e conseqüentemente se tinham sido ou não atingidos os objetivos propostos. Por outro lado, permitiu também avaliar o

sucesso da sua intervenção pedagógica, isto se tivessem sido alcançados ou não os objetivos propostos. Desta forma, e de maneira a que o tempo de prática efetivo fosse o máximo possível, o professor estagiário optou sempre por utilizar o mesmo tipo de aula mesmo nos dias da avaliação sumativa. Após a realização da avaliação sumativa de qualquer unidade didática, foi elaborado um relatório final de modo a analisar as aprendizagens realizadas pelos alunos, e também as causas de sucessos e insucessos, para que no futuro caso necessário fossem feitos reajustamentos.

A observação realizada aos alunos na avaliação sumativa respeitou sempre os critérios definidos pelo Grupo de Educação Física, sendo que foram aplicados em conformidade face à avaliação diagnóstica. Nestas aulas, o professor estagiário procurou adotar uma postura que permitisse não só acompanhar a avaliação sumativa, como também instruir e acompanhar os alunos.

O professor estagiário optou por criar grelhas de avaliação que permitissem uma observação pormenorizada quer dos aspetos técnicos como táticos (neste caso modalidades coletivas). Desta forma, era perceptível verificar a evolução do aluno nas várias componentes práticas. No que respeita à avaliação do domínio cognitivo, e por forma a complementar a aquisição dos conteúdos com o questionamento na aula, procedeu-se à realização de trabalhos de avaliação sumativa. Estes trabalhos eram realizados no início de cada unidade didática, para que os alunos aprofundassem os conhecimentos sobre cada modalidade.

Este tipo de avaliação caracterizava-se por ser quantitativa, respeitando assim uma escala numérica de cinco níveis (de um a cinco valores).

Relativamente à nota final de período, o professor estagiário seguiu os critérios de avaliação definidos pelo Grupo de Educação Física, respeitando as percentagens atribuídas a cada domínio, de forma a obter a classificação final do aluno, esta que incidia numa escala de 1 a 5, sendo a nota 5 mais elevada.

3.4. Componente ético-profissional

“A ética profissional constitui uma dimensão paralela à dimensão intervenção pedagógica e tem uma importância fundamental no

desenvolvimento do agir profissional do futuro professor. A ética e o profissionalismo docente são os pilares deste agir e revelam-se constantemente no quadro do desempenho diário do estagiário”.

(in Guia de Estágio)

As habilidades de ensino são essenciais para realizar uma prática de ensino de qualidade, contudo, não substituem ideias e valores. Segundo Siedentop, D (1998), os educadores profissionais têm uma responsabilidade para com a ética profissional, devendo até serem realizados programas que satisfaçam as necessidades dos diferentes alunos. Também Costa, F., Carvalho, L., Onofre, M., Diniz, J. e Pestana, C. (1996) indica que os professores de Educação Física devem atuar de uma forma crítica respeitando princípios éticos e morais, sendo que no momento de planificar um programa se deve favorecer a igualdade (Siedentop, D. 1998). Por esta razão, foi pretendido que ao longo do estágio, o professor estagiário assumisse um compromisso para com as aprendizagens dos alunos, independentemente das características que estes apresentassem, por outras palavras, *“igual igualdade educativa a todos os alunos”* (C.; Carvalho, L.; Onofre, M.; Diniz, J.; Pestana, C. (1996)).

Ao longo de toda a formação de professores, é importantíssimo trabalhar e desenvolver todas as componentes ético-profissionais. Desta forma, este ano letivo foi propício na vivência de experiências novas, que permitiram ao professor estagiário a assimilação de valores que terão bastante ênfase na tarefa como docente.

No Estágio Pedagógico era esperado por parte do professor estagiário disponibilidade para com as atividades de âmbito escolar, para além da assiduidade, pontualidade e responsabilidade. Em termos de postura nos valores anteriormente referidos e visto a ética-profissional estar interligada a valores pessoais, considera-se que foi com naturalidade que estes foram cumpridos, sendo também transmitidos para os alunos, o caso da pontualidade e responsabilidade. O professor estagiário pensa que estes valores são extramente importantes para qualquer profissional, e influenciam de maneira significativa a sua forma de executar a sua profissão e transmissão de conhecimentos.

Importa ainda referir a ética-profissional demonstrada pela Professora Orientadora que, sendo uma referência para o professor estagiário, demonstrou sempre uma enorme disponibilidade e também vontade de participar e ajudar neste processo de formação profissional, que é o Estágio Pedagógico.

3.5. Justificação das opções tomadas

No decorrer do Estágio Pedagógico, e ao longo de todo o processo de ensino-aprendizagem, foram diversas as decisões tomadas pelo professor estagiário, que tem aqui a oportunidade de justificar oportunamente.

Logo no início do ano foi tomada uma decisão, que recaiu sobre o planeamento e modo de lecionação das unidades didáticas. A decisão tomada teve por base as rotações da turma pelos diversos espaços de aula, sendo definido pelo grupo de Educação Física que cada modalidade era abordada individualmente num determinado tempo definido (por norma entre quatro a cinco semanas). De facto, com os espaços permitidos para a lecionação das aulas de Educação Física, esta foi a melhor opção.

Após esta tomada de decisão, e tendo em conta a rotação de espaços da turma pelos respetivos espaços de aula, foram distribuídas as modalidades pelo calendário letivo, formando-se assim o plano anual da turma.

Focando agora as tomadas de decisão relativas á estruturação da aula, o professor estagiário seguiu uma vez mais as decisões tomadas pelo grupo de Educação Física. Acerca dos tempos de aula, e, tendo por base o regulamento do Colégio São Martinho, o grupo da disciplina definiu que nos blocos de 45 minutos os alunos tinham 5 minutos para equiparem e 10 minutos para a higiene pessoal, já nas aulas de 90 minutos tinham igual tempo para equipar e 15 minutos para realizar a higiene pessoal. Ora, seguindo estas indicações, o tempo que restava para a aula prática era de 35 e 75 minutos respetivamente. Tendo em conta o tempo disponível para aulas de Educação Física, a sugestão da Professora Orientadora foi de realizar um aquecimento mais curto nas aulas de 45 minutos, no máximo com duração de 5 minutos, dando maior ênfase à fase principal da aula, tendo fase final com

alongamentos consoante o nível de esforço que a aula exigia aos alunos. Já nas aulas de 90 minutos, a instrução e aquecimento podiam ser um pouco mais longos, atingindo cerca dos 15/20 minutos, passando depois para a parte fundamental com duração de 35/40 minutos, tendo o retorno à calma a duração de 10 minutos.

De forma a gerir bem o tempo de aula, e com o intuito de proporcionar aos alunos o máximo tempo de aprendizagem, foram seguidas algumas estratégias pertinentes e eficazes. Considero desta forma importante salientar algumas, sugeridas pela Professora Orientadora, que tiveram um foco essencial ao nível da organização da aula. Se existisse formação de equipas durante a aula, o professor distribuía os respetivos coletes enquanto transmitia aos alunos a instrução inicial; em algumas aulas, o professor estagiário preparava os grupos em casa, tendo em conta os níveis dos alunos, ou seja, preparava grupos heterogéneos e homogéneos face à dinâmica e tipo de exercícios durante a aula. Tais estratégias fizeram com que o tempo despendido na formação de equipas ou grupos fosse menor, tornando o início das tarefas de cada aula bastante mais rápido. Por outro lado, esta opção demonstrou ser uma forma de evitar os comportamentos desviantes, pois um tempo de instrução muito elevado torna-se propício para atitudes inadequadas por parte dos alunos.

A formação dos grupos realizada pelo professor estagiário teve a finalidade de diferenciar o ensino, dividindo os alunos que por norma apresentavam mais desvios da tarefa, e também formar grupos de nível. Contudo, houve uma modalidade que não seguiu esta linha de pensamento que foi a Ginástica. Tendo em conta os vários níveis dos alunos, foram criados grupos heterogéneos para que os alunos de nível superior pudessem auxiliar os colegas que estavam num patamar inferior. Também as “ajudas” na execução das técnicas eram outro elemento importante nesta divisão, já que alguns alunos com mais facilidade de execução conseguiam entender e aplicar melhor esta vertente em termos de segurança dando confiança aos seus colegas.

Em termos de estruturação da parte fundamental da aula, por norma incidia sobre o ensino por tarefas. Desta forma, o professor estagiário visou promover o trabalho em grupo, salientando a importância do espírito de ajuda entre os alunos, a motivação, empenho, e não menos importante, reduzindo o tempo na alteração das tarefas de modo a não haver um novo reagrupamento no exercício

seguinte. Tendo em conta o número de alunos da turma, as aulas por norma eram constituídos por 4 grupos/estações. Como tal, as tarefas seguiram uma lógica da mais simples para mais complexa. Podia começar com uma tarefa mais lúdica, passando depois para analíticas e de cooperação, terminando com jogo de oposição ou reduzido.

Relativamente aos estilos de ensino aplicados ao longo da abordagem das diversas modalidades, estes incidiram especialmente nos estilos de ensino por comando e por tarefa. Durante o aquecimento e retorno à calma, foi várias vezes aplicado o estilo de ensino por comando, tendo o aluno que seguir e desempenhar as tarefas indicadas pelo professor. Já o estilo de ensino por tarefas, esteve presente sobretudo na parte fundamental da aula, através da *“organização das condições de aprendizagem que permite aos alunos empenharem-se em tarefas diferentes ao mesmo tempo”* (Siedentop, D., 1998). Contudo, a abordagem da modalidade de Ginástica uma vez mais contornou um pouco esta lógica aplicada na maioria das modalidades. Por forma a fortalecer os laços com os companheiros e o espírito de entre ajuda e confiança, foi aplicado o estilo de ensino recíproco. Como referido anteriormente, neste tipo de aula os grupos formados eram heterogéneos, havendo um feedback importante transmitido pelos alunos de nível superior para os que apresentavam maiores dificuldades.

Analisando os tipos de avaliação realizados, estes foram também definidos pelo grupo de Educação Física. Desta forma, as avaliações diagnósticas eram realizadas na primeira aula de cada modalidade, enquanto a avaliação sumativa era aplicada na última ou penúltima aula de cada modalidade. Assim, era possível perceber o grau de evolução dos alunos no processo ensino-aprendizagem e classificá-los da forma mais justa possível. Já no que diz respeito à autoavaliação, esta era realizada na última aula de cada período, sendo aplicadas as grelhas criadas pelo Colégio São Martinho, nomeadamente pelo grupo de Educação Física.

4. Reflexão

4.1. Ensino-aprendizagem

4.1.1 Aprendizagens realizadas como estagiário

O ano do Estágio Pedagógico corresponde ao vislumbrar das aprendizagens adquiridas, sendo o período da formação académica mais produtivo, onde se aplicam de forma efetiva todos conteúdos aprendidos num contexto real. Assim, o professor estagiário colocou em prática, pela primeira vez num ambiente real, todas as matérias adquiridas ao longo do seu processo de formação através das três dimensões, o Planeamento, a Realização e a Avaliação.

O planeamento é uma dimensão pouco perceptível para quem está fora do contexto escolar, o que fez com que o professor estagiário fosse um pouco surpreendido face a todo o trabalho desenvolvido e elaborado nesse âmbito por parte do Grupo de Educação Física antes de se iniciarem as aulas. Através das reuniões do início de ano e dos documentos fornecidos ao estagiário pelo grupo de Educação Física (sempre por intermédio pela Professora Orientadora de escola), foi possível perceber o enorme trabalho de organização pelo grupo responsável pela disciplina, sendo um elemento de orientação de todos os professores. Alguns dos documentos foram distribuição das modalidades a abordar durante o ano letivo (consoante o ano de escolaridade), distribuição das matérias a abordar pelos espaços de aula, definição dos critérios de avaliação a observar em todas as modalidades, distribuição dos materiais pelas respetivas modalidades, entre outras informações pertinentes que também foram obtidas e organizadas.

Estes primeiros passos com o grupo de disciplina de Educação Física, juntamente com os restantes estagiários, fizeram perceber ao professor estagiário a dimensão da importância face à planificação de todos os documentos necessários ao processo ensino-aprendizagem, tornando-os enquadrados face aos alunos de modo a serem aplicáveis e passíveis de aprendizagem. O facto de ser necessário criar os vários níveis de planeamento, nomeadamente plano anual, unidades didáticas e planos de aula, serviu para que o professor estagiário obtivesse um

conhecimento de todas as vertentes do processo ensino-aprendizagem, tornando-o mais preparado e confiante nas ações como professor de Educação Física.

De modo a realizar todas as planificações, foi necessário recorrer a consultas bibliográficas, planificações elaboradas em anos anteriores e, mais importante, os pareceres da Professora Orientadora da escola. Foi sempre um apoio fantástico, dando todo o suporte necessário e orientando o professor estagiário sempre que necessário.

Relativamente às aprendizagens adquiridas no âmbito da realização, o estagiário considera que uma das ilações que retirou é que o professor deve ser bastante crítico e reflexivo acerca da sua prática. Com isto, efetuou várias reflexões sobre os seus planeamentos e práticas durante todo o ano letivo, de maneira a conseguir perceber quais as causas de sucessos e insucessos. Aqui o Estágio Pedagógico, e com toda a sua vivência, permitiu ao estagiário refletir tanto individualmente como em grupo acerca das suas ações e decisões tomadas, analisando todos os parâmetros que influenciam diretamente e indiretamente o processo ensino-aprendizagem. Estas análises permitiram ao estagiário melhorar em todas as dimensões, conseguindo evoluir nesta etapa da sua formação.

Em termos de aprendizagens adquiridas especificamente através da lecionação das aulas ao longo do ano de Estágio Pedagógico, o estagiário apercebe-se que de facto evoluiu bastante, desenvolvendo várias capacidades pertinentes em todas as fases da aula. Esta evolução só foi possível através da reflexão conjunta com a Professora Orientadora, individualmente no final de quase todas as aulas, e também conjuntamente com todos os colegas estagiários, apontando pontos positivos e negativos da condução e planificação de cada aula.

Relativamente ao âmbito da instrução, o professor estagiário conseguiu efetuar uma instrução em todas as fases da aula de maneira simples e com duração adequada, transmitindo as informações mais pertinentes e significativas aos alunos. Tal como referido, este foi um dos aspetos onde sentiu mais dificuldades no início do estágio, e no fim percebe-se que houve uma evolução notória neste sentido. Por outro lado, o professor estagiário percebe que adquiriu capacidade de transmitir todo o tipo de feedbacks aos alunos sobre as suas ações, de forma espontânea e motivadora. O facto de ser a primeira experiência em contexto real, fez com que

houvesse uma ligeira dificuldade no início do ano letivo em ter a percepção de qual o timing exato na transmissão de feedback ao aluno face à sua execução.

Em termos de gestão do tempo, houve uma evolução sobretudo na capacidade de instrução, quer na parte inicial da aula, como durante a parte fundamental (especialmente). Nesta fase principal da aula, o professor estagiário conseguiu alcançar a capacidade de controlar de forma despreocupada a rotação de espaços, assegurando um tempo de exercitação equilibrado por parte de todos os alunos nas várias estações. Tal não se verificava no início, devido ao feedback dos alunos durante a sua ação, havendo algum desacerto face ao que estava planeado.

Acerca da gestão de aula, o estagiário conseguiu obter conhecimentos que possibilitaram rentabilizar o tempo de prática efetiva nas aulas, tendo diminuído o tempo de espera sobretudo ao nível da organização. Algumas das estratégias, enumeradas anteriormente, passaram da formação de equipas antes da aula, distribuição de coletes que se adequassem aos restantes exercícios da aula, diminuindo de forma significativa o tempo de transição para o exercício seguinte, entre outras.

Outro aspeto, ao nível da gestão, foi notória uma evolução enorme por parte do professor estagiário foi na gestão das aprendizagens dos alunos. A constante análise às ações dos alunos fez com que fosse perceptível perceber e identificar os pontos fortes e fracos do aluno. Assim, tornou-se mais fácil adequar situações de aprendizagem face à evolução da turma, melhorando o processo ensino-aprendizagem.

Outro aspeto relevante diz respeito ao comportamento dos alunos na aula. Apesar de não ser uma turma com muitos casos de indisciplina, houve por vezes algumas atitudes incorretas por parte de alguns alunos. Houve assim uma evolução sobretudo na colocação do professor estagiário perante os alunos, para controlar de forma consistente as ações e atitudes ao longo de toda a aula.

Por último, o âmbito da gestão do clima e disciplina da aula. Desde o início do ano letivo, o professor estagiário procurou estabelecer uma relação de confiança e proximidade com todos alunos, por forma a conseguir obter maior interesse pelas aprendizagens, empenho e motivação em todas aulas. Notou-se uma evolução significativa desde a primeira aula, havendo por norma um ambiente agradável e propício à realização da aula de Educação Física.

No que se refere às competências da avaliação, o professor estagiário conseguiu progredir bastante ao longo do ano letivo. Existiu alguma dificuldade na primeira avaliação diagnóstica, por desconhecer de cada aluno individualmente e do tipo de situações de aprendizagem mais adequados à turma. Contudo, com o passar do tempo e com um aumento de conhecimento em todas as dimensões, conseguiu aplicar todos os domínios de forma justa, imparcial, correta e com sentido de responsabilidade.

O professor estagiário conseguiu tornar-se desta forma um profissional capaz, consciente das tarefas inerentes à sua profissão, reunindo o gosto pela prática docente às competências pertencentes. Também a sua reflexão em todas as vertentes do seu trabalho permitiu-lhe evoluir em todos os parâmetros/dimensões, conseguindo melhorar em toda a sua ação no processo de ensino-aprendizagem.

4.1.2. Compromisso com as aprendizagens dos alunos

Para Stenhouse (1975), *“os professores levantam hipóteses que eles mesmo testam ao investigar situações que trabalham”*.

Para Costa, F. (1983), *“ a investigação no ensino confirmou a posição por Joyce ao caracterizar o “bom” professor como o que possuía a capacidade de criar, aplicar e modificar estratégias de ensino de acordo com as circunstâncias e necessidade dos alunos”*.

Tendo em conta o que foi citado atrás pelos autores, percebe-se claramente que o professor é provavelmente o maior responsável pelo êxito das aprendizagens dos alunos. Desta forma, o professor estagiário tentou sempre identificar quais as necessidades dos alunos, perceber quais as razões dos seus insucessos para que seja possível criar condições, que segundo os seus conhecimentos seriam as melhores para o aluno aprender.

Durante todo o ano letivo, o estagiário procurou não só estar presente em todas as aulas, ser pontual, transmitir aos alunos e colocar os alunos a realizarem exercícios face à unidade didática em prática. Através de uma postura reflexiva, tentou sempre interpretar quais as suas práticas que estavam a contribuir para a

aprendizagem dos alunos, e as que não de acordo relativamente ao seu nível de desenvolvimento.

Desta forma, todo o tipo de planeamento foi alvo de uma reflexão, percebendo através respostas dadas pelos alunos se era necessário um ajustamento no processo ensino-aprendizagem. Logo, no final da leção de uma aula, era realizada uma reflexão sobre a condução, visando a gestão, clima disciplina e instrução, de forma a perceber quais os pontos onde o professor estagiário deveria evoluir e quais os que necessitaria de continuar a aplicar de modo a exprimir o potencial de aprendizagem. Durante as aulas, tentou estar sempre ativo, transmitindo vários feedbacks aos alunos, não se limitando a observar apenas a execução positiva ou negativa. Segundo Shiguno, V; Pereira, V. (1994), *“a oportunidade de oferecer feedback ao aluno é um dos pontos mais importantes da aula e não recai apenas sobre as ações motoras do aluno”*.

Para poder realizar os pontos anteriores, o professor estagiário deu sempre ênfase à sua formação pessoal. Ou seja, elevar sempre que possível o seu nível de conhecimento, por forma a conseguir ajustar as componentes teóricas à gestão da aula num contexto real. Para tal, foram realizadas várias pesquisas bibliográficas face a todas as componentes importantes no processo ensino-aprendizagem.

Tal como citado anteriormente, foi procurado pelo professor estagiário criar uma relação de proximidade com os alunos, por forma haver uma confiança em relação ao professor, visando uma aceitação das suas intervenções, mas sobretudo um estimular pelo interesse dos alunos em aprender nas aulas. Por outro lado, com este estreito de relações, os índices motivacionais e de empenho tendiam a ser mais elevados, favorecendo a dinâmica de aula.

Assim, com o relacionamento para com a turma, gestão do clima de aula e adequação das tarefas, o professor estagiário pretendeu estimular os níveis de autonomia dos alunos e valorizar aprendizagens ao nível dos valores morais e sociais.

4.1.3. Inovação nas práticas pedagógicas

Por forma a melhorar a ação educativa, o professor estagiário procurou criar novas situações de aprendizagem. Assim, tendo um compromisso assumido perante

o desenvolvimento das competências dos alunos, era necessário uma procura de novas ideias para melhorar a prática educativa. Estando perante um Estágio Pedagógico, que estimula uma procura de novos métodos de ensino, foi necessário utilizar uma pedagogia adequada tendo em conta as várias dimensões do processo ensino-aprendizagem. De salientar, que estas inovações envolvem uma reflexão e uma autocritica por parte do professor.

A tentativa de inovar necessita de contemplar as componentes já adquiridas anteriormente pelos alunos, as dificuldades, capacidades, motivação, objetivos gerais e específicos. Contudo, um dos fatores que mais impacto e influência têm nesta dimensão é a experiência, já que um conhecimento profundo sobre a realidade escolar permite ao professor adequar e aplicar com maior facilidade nova técnicas ou métodos de ensino. Assim, o professor estagiário teve algumas dificuldades em inovar sobretudo na primeira unidade didática devido a um desconhecimento das necessidades da turma.

Desta forma, a inovação presente passou mais por criar ou recriar novas situações de aprendizagem à turma em si, proporcionando novas experiências e aprendizagens aos alunos, não concebendo algo de raiz.

Uma das novidades implementada na turma foi o tipo de exercícios aplicado na parte inicial da aula. De forma a estimular o bom clima e motivação dos alunos, foram executados vários jogos lúdicos nesta etapa da aula. Apesar de serem exercícios um pouco livres, tendiam a tornar-se mais intensos e dinâmicos com o passar do tempo, aumentando grau de dificuldade na sua execução. Por outro lado, foi uma forma de descomprimir os alunos, mas abordando os conteúdos da aula indiretamente.

Como inovação nas aprendizagens dos alunos podemos também salientar as estratégias decorridas no ano letivo, nomeadamente em termos de organização das aulas. Estratégias como diferenciação dos alunos que eram pontuais, formação de equipas anteriormente às aulas tendo em conta comportamentos inadequados (separar os alunos que em algumas aulas se mostravam inquietos e a influenciar a dinâmica de aula), mostraram-se como uma novidade, promovendo-lhes algumas aprendizagens.

De salientar, que algumas destas medidas foram aconselhadas pela Professora Orientadora da escola. Muitas vezes, essas ideias foram trabalhadas e o

professor estagiário promoveu algumas ideias novas sendo debatidas, por forma a atingir o equilíbrio ao nível do exequível.

A inovação das práticas pedagógicas constituem um enorme passo na formação de futuros professores. A sociedade está em constante mudança, e os gostos e atitudes dos alunos alteram de ano para ano. Assim, é necessário ao professor estruturar novos métodos, novas vivências e estratégias de forma a aumentar a qualidade do ensino-aprendizagem.

4.2. Dificuldades e necessidades de Formação

4.2.1. Dificuldades sentidas e formas de resolução

A reflexão de todas as dificuldades sentidas ao longo do Estágio Pedagógico constou de um momento importantíssimo, permitindo assim perceber qual a melhor forma de resolução no futuro.

Quando se enfrenta, pela primeira vez, um contexto absolutamente novo, a perceção das dificuldades é um pouco vaga, pois tudo parece demasiado complexo. Contudo, e com o decorrer do tempo e através da aquisição de determinadas experiências, toda a envolvimento ao nível da lecionação começa a adquirir novos contornos.

O professor estagiário encontrou dificuldades nas várias dimensões da prática docente, ou seja, no planeamento, na realização e avaliação. Porém, com o passar das aulas, e através do espírito crítico e análises reflexivas por parte da Professora Orientadora com o Núcleo de Estágio, as dificuldades começaram a ser superadas.

A primeira dificuldade vivenciada pelo professor estagiário surgiu no início do ano letivo, nomeadamente na realização da extensão e sequência de conteúdos das diversas unidades didáticas. Foi difícil perceber quais os momentos mais adequados para abordar os diversos conteúdos, dado não haver dados acerca da evolução dos alunos. Desta forma, o estagiário discutiu com os colegas de estágio sobre qual seria o melhor planeamento, consultando também algumas planificações de anos anteriores. Contudo, tendo noção de cada turma é um caso específico, o professor

estagiário elaborou a respetiva extensão e sequência de conteúdos de cada unidade didática, tendo noção que a qualquer momento podia haver um ajustamento face às evoluções demonstradas pelos alunos.

A segunda dificuldade sentida pelo professor estagiário verificou-se na gestão da instrução inicial e na parte fundamental, especialmente nas primeiras aulas do 1º período, onde as instruções estavam bem estruturadas mas continham demasiada informação. Estas instruções demasiado longas influenciaram a gestão do tempo de aula. Desta forma, houve alguns reajustamentos ao longo da aula, por forma a equilibrar essa perda de tempo. Esta situação foi abordada com a Professora Orientadora, abordando qual seria a informação mais pertinente para transmitir aos alunos, e qual a melhor forma de o executar sem influenciar nas restantes fases da aula. Face a esse período de reflexão e crítica construtiva, o professor estagiário começou a selecionar a informação mais adequada, tornando os períodos de instrução breves e eficazes. O conhecimento cada vez mais profundo da turma também ajudou a ultrapassar esta dificuldade.

Ainda abordando as primeiras aulas, houve alguma dificuldade em avaliar os alunos na primeira modalidade (Andebol). O facto de não saber os nomes e o nível de cada um constituiu uma barreira. Tal facto foi superado através da junção das fotografias dos alunos às grelhas de avaliação, sendo que na 4ª aula já eram sabidos todos os nomes dos alunos, facilitando a interação entre professor e alunos.

A realização e a pertinência dos feedbacks transmitidos pelo professor estagiário aos alunos foram aspetos que, no início do ano, não iam ao encontro da qualidade que as aprendizagens exigiam. Desta forma, foi necessário evoluir a sua capacidade de realizar feedbacks um pouco longos, sendo notória a sua evolução quando houve um adquirir do controle da aula para que conseguisse diferenciar a atenção para este tipo de instrução. Uma vez mais, os pareceres da Professora Orientadora relativamente aos erros mais comuns permitiram que a intervenção melhorasse significativamente.

Em termos de criação de tarefas, houve dificuldade sobretudo na adequação face a alguns objetivos pretendidos. Muitas vezes, o facto de se querer inovar algum tipo de exercício era um desafio, pois tornava-se complicado encaixar o objetivo com diferentes variantes. Através da reflexão do próprio professor estagiário sobre as tarefas, conjuntamente com o núcleo de estágio e também com ideias/sugestões

transmitidas pela Professora Orientadora, o estagiário desenvolveu bastante a sua capacidade de elaboração dos exercícios.

4.2.2. Dificuldades a resolver no futuro ou formação contínua

A intervenção pedagógica, ao longo de um ano letivo, foi fundamental para a evolução do professor estagiário como futuro docente da disciplina de Educação Física. Contudo, e embora tenha desempenhado o papel de professor num contexto escolar real, todas as capacidades e competências necessitam de ser consolidadas e aperfeiçoadas. Tal como refere Siedentop (1998), o professor ao pretender aprender de forma mais profunda, consegue aperfeiçoar a sua prática como docente, já que *“ os professores se nascem e não se fazem então andasse a gastar muito dinheiro mal gasto na formação de professores”*.

Tendo em conta o referido anteriormente, o professor estagiário consciencializou-se de que a sua formação é um processo contínuo, e que deverá sempre continuar a profissionalizar-se. Contudo, percebeu que existem algumas dificuldades mesmo após um ano de trabalho.

Em termos de identificação do erro que impossibilita o aluno atingir o sucesso, o estagiário deverá aumentar o seu nível de conhecimento, para que depois possa instruir o aluno de forma pertinente.

Outro aspeto importante é a criação de uma imagem omnipresente por parte do professor, especialmente na fase de instrução inicial da aula. Desta forma, é necessário que o professor estagiário seja um pouco mais exigente face á postura dos alunos nos momentos da instrução, de maneira a que todos sejam instruídos como pretendido.

Outro ponto na sua formação que necessita de ser reforçado é a demonstração mais frequente em todos os momentos da aula. A demonstração é a forma mais fácil e perceptível de os alunos visualizarem por completo o movimento pretendido. Desta forma, torna-se fundamental aplicá-lo, especialmente na parte principal da aula, onde são abordados os conteúdos de maior ênfase.

Por fim, salientar o olhar para os alunos em termos de instrução. O professor estagiário deve melhorar no olhar para os alunos enquanto transmite informação,

não se focando num determinado grupo de alunos. É essencial os alunos perceberem que o professor trata todos de igual forma, e que a informação é geral e não para um grupo específico.

4.3. Tema de estudo: A importância da instrução nas aulas de Educação Física

Referido anteriormente no relatório, foi na instrução que o professor estagiário sentiu maiores dificuldades, especialmente nas primeiras aulas do Estágio Pedagógico. Assim, achou pertinente aprofundar esta componente, e perceber o quanto é importante a instrução no processo ensino-aprendizagem, nomeadamente na comunicação entre professor e alunos.

No processo de instrução, o professor tem um papel fundamental. Compete-lhe perceber o que alunos necessitam ou devem aprender, qual a melhor pedagogia para determinada matéria, quais os exercícios que melhor se adequam aos alunos. Carneiro (2009), cit. por Siedentop (1991) menciona que *“a instrução refere-se a comportamentos de ensino que fazem parte do repertório do professor para transmitir informação diretamente relacionada com os objetivos e conteúdos de ensino”*. O mesmo autor salienta que *“fazem parte da instrução todos os comportamentos, verbais e não-verbais (como exposição, demonstração, feedback, entre outras formas de comunicação não-verbais) estão interligados aos objetivos da aprendizagem”*. De forma fácil de perceber, o professor deve centrar-se essencialmente em oito pontos fulcrais: orientar o aluno para o objetivo da tarefa; dispor a informação numa sequência lógica; apresentar exemplos corretos e errados; personalizar a apresentação; repetir assuntos difíceis de compreensão; recorrer às experiências pessoais dos alunos; utilizar o questionamento e apresentar a tarefa de forma dinâmica. Ao vislumbrar estes pontos mencionados pelo autor, percebe-se que estamos perante algo complexo. Desta forma, percebe-se que alguém inexperiente no lecionamento possa sentir dificuldade em ligar com toda a envolvimento que a instrução acarreta. Quem demonstra uma visão interessante sobre este tema é o autor Piéron. O mesmo autor, cit. por Petrica (2004) refere que *“a instrução corresponde geralmente a uma percentagem de 10 a 25% da totalidade*

das intervenções”. Ainda neste ponto, Carreiro da Costa (1995) cit. por Petrica (2004) salienta que *“os professores eficazes se distinguem pela capacidade que revelam em proporcionar aos alunos uma maior qualidade científica e técnica centrada fundamentalmente na informação dos requisitos técnicos de execução da tarefa a aprender, explícita frequentemente com demonstrações”*. Pegando neste aspeto, o professor estagiário muitas vezes utilizava expressões técnicas nas várias modalidades abordadas. Contudo, os alunos desconheciam a maior parte dos termos técnicos. Mais uma vez, o conhecimento dos alunos é essencial para adequar o tipo de linguagem, utilizando uma terminologia mais simples para que os alunos consigam perceber. A experiência ajuda a ultrapassar a dificuldade neste tipo de situações, mas tal como refere o autor, a demonstração é um caminho ou solução. Contudo, não é necessário apenas demonstrar, mas sim explicar especificamente o que se pretende *“com este movimento”*, o porquê sua execução”.

No processo de instrução, os alunos não são elementos passivos. Têm conhecimentos adquiridos anteriormente, capacidades diferentes e motivações que condicionam as suas ações durante as aulas. Uma situação curiosa, a qual foi verificada algumas vezes durante o Estágio Pedagógico, tem a ver com o processo de negociação de tarefas por parte dos alunos. Carneiro, 2009 cit por. Silvermann, 1995, refere que *“ esta tentativa dos alunos modificarem as tarefas, de acordo com aquilo que eles próprios consideram mais ajustado, é minimizado por um processo de ajustamento por parte do professor. A definição clara dos objetivos e propósitos das tarefas vai minimizar os desajustamentos entre aquilo que o professor pretende e aquilo que, de facto, os alunos realizam”*. De facto, é necessário haver uma espécie de negociação por parte do professor com os alunos. Depois de perceberem a importância das tarefas e da sua realização, pode ser dada uma maior liberdade e criatividade aos alunos. É como que um compromisso estabelecido pelas duas partes. A sua participação e criatividade são bem-vindas, e o professor estagiário tentou sempre colocar os seus alunos à vontade e sem receio de inovar algumas atividades.

Contudo, um dos aspetos mais importantes da instrução é a comunicação. Existiram perguntas ao longo do Estágio Pedagógico que o professor estagiário fez a si próprio, tais como: qual a melhor forma de comunicar com os alunos? Qual a melhor forma de transmitir os exercícios? Qual o processo mais adequado para

manter os alunos atentos às explicações? Para Carneiro (2009), a influência da comunicação dos professores muitas vezes passa pela capacidade de persuasão. Deve-se ter em especial atenção a linguagem usada: o volume da voz, a sua ressonância, a articulação das palavras e a entoação. Importantes são também os aspetos não-verbais da comunicação (contato visual, expressões, faciais, entusiasmo do professor), assim como a articulação entre as variáveis e não-verbais. O mesmo autor, cit. Por Famose, 1983, indica que *“o professor deve ter em consideração um aspeto fulcral: incidir níveis mais elevados de atenção nos alunos, para conseguir que estes possam reter o máximo possível de informação. Durante a transmissão de uma tarefa motora, o aluno é confrontado com um estímulo, que possui em si, um vasto conjunto de informações. A quantidade de estímulos contida na informação é geralmente superior à que o aluno pode tratar”*. Ora, sendo relativamente fácil que os alunos percam a atenção face à quantidade de informação, é necessário selecionar a informação mais pertinente e importante na execução das tarefas. O mesmo autor salienta várias medidas que reduzem a probabilidade de má compreensão por parte dos alunos, tais como: *“ adaptar as mensagens aos níveis de compreensão dos alunos; a empatia ligada às sensações e emoções dos recetores, é também decisivo, o desenvolvimento de estratégias de escuta ativa, isto é, significa atenção ao outro com contacto visual e expressões faciais adequadas”*. Leith (1992), refere que *“a influência que a comunicação exerce no desenrolar de todo o processo e nos resultados alcançados leva os especialistas a considerarem que ensinar bem é resultados de comunicação eficientes”*. Já Werner & Rink (1987) indicam que *“ a clareza da informação emitida e a emissão de feedbacks são variáveis indicadoras da ocorrência de sucesso nas aprendizagens”*. Concordando com a opinião dos autores, para haver um processo ensino-aprendizagem eficaz é necessário haver uma comunicação clara, direta e objetiva. Para tal, é necessário observar todas as características dos alunos, e perceber qual a melhor forma de abordar todos os conteúdos para que se possa transmitir a informação de maneira mais simples, já que como referido anteriormente, é difícil obter a atenção dos alunos com vários estímulos num longo período de tempo. Sintetizar os conteúdos é a melhor solução para ultrapassar esta barreira.

Uma forma de abordar a instrução é através da sua categorização, percebendo especificamente as suas tarefas. Rink (1993) cit por Arques (2007)

propõe que “ *as tarefas de instrução possam ser categorizadas pelo propósito de desenvolvimento da tarefa: tarefas de informação (fornecem informação aos alunos relativamente à tarefa que advém, particularmente nos requisitos dessa tarefa); tarefas de refinamento (estão relacionadas com a melhora da qualidade da performance dos alunos); tarefas de aplicação (proporcionam, aos alunos, oportunidades de aplicar os seus skills em situações de jogo) e tarefas de extensão (são progressões das tarefas aprendidas que desafiam os alunos a experimentarem situações mais difíceis/complexas) ”.*

Através do desenvolvimento deste tema, percebe-se que a instrução é mais complicada do que se pensa, tendo um papel fundamental na dinâmica das aulas de Educação Física. Interligada à instrução está a comunicação. É através de uma linguagem simples, nítida e objetiva que o professor consegue transmitir de forma eficiente a mensagem para os alunos. Por outro lado, quanto mais eficaz é a transmissão de informação para os alunos, menor será o tempo gasto nesta fase da aula. Desta forma, o tempo de empenhamento motor é superior, o que se pretende nas aulas de Educação Física. Toda esta pesquisa e reflexão permitiram ao professor estagiário aprender mais sobre a instrução, e perceber claramente a sua importância nas aulas de Educação Física. E para ultrapassar as dificuldades, nada como pesquisar e aprender com a opinião de experts na matéria, para além da opinião de colegas e professores.

5. Capacidade de iniciativa e responsabilidade

Entende-se a responsabilidade como estar em condições de responder pelos atos executados, de justificar todas as razões das próprias ações. Foi desta perspetiva que o professor estagiário encarou o Estágio Pedagógico.

Desde o início do ano, a Professora Orientadora deu ao Núcleo de Estágio liberdade para assumir decisões em todo o processo de ensino-aprendizagem, supervisionando-os sempre de perto. Esta atitude permitiu aos professores estagiários que assumissem as várias tarefas em cada turma (desde reuniões intercalares e de avaliação e às decisões de classificações finais), o que representava uma enorme responsabilidade. Tal visão é defendida por Alarcão, I;

Roldão, M. (2008), que afirma “os formadores sentem dificuldade em se pensarem profissionais, situação que só se torna evidente quando lhes é dada autonomia e responsabilidade pela docência”.

O professor estagiário, para além do sentido de responsabilidade perante as aprendizagens da turma, demonstrou sempre interesse em acrescentar vários saberes à sua formação. Desta forma, comprometeu-se a cumprir os compromissos que assumiu, respeitando sempre o ambiente escolar e todas as exigências inerentes à instituição.

Estas várias responsabilidades sentidas e o longo trabalho que o professor estagiário necessitou de desenvolver ao longo do ano de modo a desempenhar pelo menos o papel de um professor eficaz, levou a que por vezes tivesse de colocar em prática a sua própria capacidade de iniciativa. Apesar de ter sentido sempre um apoio extraordinário da Professora Orientadora, teve de tomar inúmeras decisões acerca de todo o planeamento e modos de intervenção mais adequados no processo de ensino-aprendizagem, sendo depois o responsável pelos resultados da sua prática. Quando confrontado perante várias dificuldades ou problemas, apresentou na maior parte das vezes iniciativa de forma a encontrar a solução adequada a essas questões, tendo que muitas vezes agir de acordo com os seus princípios e conhecimentos, assumindo as responsabilidades pela sua ação.

Respetivamente às atividades escolares que solicitavam a sua presença, o professor estagiário encarava a sua participação com sentido de entrega total, assumindo a responsabilidade das suas ações perante a organização. O mesmo verificou-se no decurso do planeamento e realização das atividades propostas pelo Núcleo de Estágio para a disciplina de Projetos e Parcerias Educativas, cumprindo com todas as normas e regras que levaram ao seu sucesso.

As iniciativas exercidas pelo professor estagiário estiveram também relacionadas com os projetos das atividades acima referidas, transmitindo novas ideias durante a sua conceção, organizando toda a sua logística e datas adequadas à realização, participando ativamente na realização e avaliação, com a realização de um relatório final. Como as atividades executadas pelo Núcleo de Estágio eram novas no Colégio São Martinho, era necessário torná-las atrativas e aliciantes para os alunos, de modo a perceberem a sua importância e modo de realização.

Outra iniciativa de salientar do professor estagiário foi a de autoformação, com um estudo intensivo e uma pesquisa bibliográfica completa relativamente às modalidades a abordar, fomentando o desenvolvimento das suas competências enquanto docente. Este conhecimento ajudava não só na preparação das aulas, como também num reajustamento de tarefas durante a própria aula. Por outro lado, serviu para trocar várias ideias com a Professora Orientadora, transmitindo sempre um feedback construtivo face a novas ideias.

6. Importância do trabalho individual e de grupo

Ao longo do Estágio Pedagógico, o estagiário desenvolveu trabalho de forma individual e em grupo.

O facto de o estagiário estar inserido no grupo da disciplina de Educação Física permite desde logo perceber a importância da realização de trabalho de grupo. A este nível foram realizados diversos trabalhos que visavam não só a uniformização e organização do ensino da Educação Física na escola, como também foram analisados os diversos assuntos respeitantes à disciplina, que visavam o aperfeiçoamento dos planeamentos já elaborados e a organização de atividades a realizar.

O professor estagiário também esteve inserido ao longo do ano noutra grupo, nomeadamente o próprio núcleo de estágio. Toda a partilha de informações, dúvidas, crítica construtiva, fez com que todos aprendessem e evoluíssem de forma significativa. Esta troca/partilha de experiências, juntamente com a reflexão conjunta dos diversos problemas e sucessos obtidos, foram as principais razões da importância deste trabalho de grupo.

Ainda focando o núcleo de estágio, todo este trabalho desenvolvido foi verificado nas duas atividades realizadas para a comunidade escolar (para a disciplina de projetos e Parcerias Desportivas), sendo totalmente organizadas pelos professores estagiários, mas com todo o apoio da Professora Orientadora e Grupo de Educação Física (associação de Estudantes também foi uma ajuda bastante importante). O enorme empenho efetuado pelo grupo na organização e concretização em ambas as atividades fez com que fossem um sucesso, sendo que

o núcleo tem a esperança que nos próximos anos tais acontecimentos sejam realizados como atividade presente no programa anual.

Em termos de trabalho individual, embora tenha igualmente grande importância, está mais associado face às tomadas de decisão efetuadas pelo professor estagiário ao longo do ano. Segundo Albuquerque, A. (2003), o professor é responsável pelo seu desenvolvimento autónomo, da flexibilidade da sua prática, da tomada de decisões adequadas e na emissão de juízos, ou seja, é *“responsável e protagonista do desenvolvimento do seu próprio conhecimento prático”*.

Tendo em conta o conhecimento adquirido, quer pelo trabalho de grupo como na formação pessoal, o professor estagiário necessitou de efetuar várias decisões ao longo do estágio, nomeadamente nas planificações acerca de todo o processo de ensino-aprendizagem da turma, como situações ocorridas em alguns momentos durante as aulas. Situações como alterações de exercícios face ao que estava programado, quer por dificuldade na execução ou interpretação dos alunos, ilustraram bem a evolução do professor neste campo. Houve uma evolução enorme no à vontade em alterar o que está programado e introduzir elementos que lhe pareceram positivos na dinâmica de aula.

Outro aspeto com bastante relevância diz respeito à reflexão sobre as suas próprias ações e na vontade de obter novos conhecimentos. Ou seja, o professor estagiário, tal como outro professor, necessita estar sempre em constante atualização e formação. Segundo Alarcão, I; Roldão, M. (2008), “o processo de construção profissional é um processo de autoformação sistemático, numa atenção constante às necessidades próprias e num processo de mudança de posição face ao conhecimento e aos atores de relação educativa”.

Tanto o trabalho individual como o de grupo apresentam uma enorme importância na ação do professor estagiário. Havendo uma ligação entre as duas vertentes, existe uma melhoria significativa em todas as ações e trabalhos desenvolvidos.

Assim, o processo de formação inicial de professores, que é o Estágio pedagógico, deve contemplar métodos de trabalhos individuais e de grupo, para que o professor estagiário esteja preparado de forma adequada para que no futuro consiga enfrentar a realidade escolar.

7. Questões dilemáticas

A leção da disciplina de Educação Física, tendo uma grande vertente prática, apresenta logo nesta fase uma enorme diferenciação relativamente às restantes disciplinas. Assim, ao longo do Estágio Pedagógico, foi necessário que o professor estagiário refletisse individualmente mas também em grupo, embora por vezes não tenham conseguido obter uma resposta devido à complexidade dos assuntos abordados. Alarcão, I; Roldão, M. (2008), refere que *“o contacto privilegiado com a realidade da prática docente apresenta-se como provocador de questionamentos e pesquisas, mobilizadores de saberes, atribuidor de sentidos a saberes disciplinares anteriormente lecionados”*.

Uma das questões que surgiu entre os professores estagiários logo no início do ano letivo foi o tipo de exercícios a aplicar na primeira aula de avaliação diagnóstica. Não tendo ainda um conhecimento profundo do nível da turma, era difícil perceber qual a forma de abordar a primeira aula. Por outro lado, os estilos de ensino a adotar nas várias modalidades também foram uma preocupação., especialmente na modalidade de Ginástica, onde o espaço não é muito amplo. Por norma, quanto mais pequeno o espaço mais fácil será o controlo do professor. Contudo, o facto de os alunos desta forma estão mais perto uns dos outros, pode permitir que haja um agrupamento dos alunos com tendência a comportamentos inadequados.

Outro ponto que surgiu prendeu-se com a planificação dos conteúdos para a abordagem das modalidades coletivas. Os estagiários discutiram se seria mais importante, numa primeira fase da aprendizagem, ensinar aos alunos sobre o modo de jogar determinada modalidade, ou seja o modo de organização do jogo em si, ou se seria mais proveitoso os alunos desenvolverem gestos técnicos inerentes à modalidade para depois sim passarem a aprender para jogar. Nesta fase podia ter havido maior comunicação dos professores estagiários, especialmente no início do ano, onde tiveram alguma dificuldade em transmitir o seu parecer de cada situação. No entanto, com o passar do tempo e havendo um conhecimento individual, esta situação melhorou bastante e todos os assuntos começaram a ser debatidos com frequência.

A exequibilidade do Programa Nacional de Educação Física também foi outro assunto discutido pelo núcleo de estágio. Apesar de o grupo de Educação Física já tivesse adaptado o mesmo à realidade escolar, os professores estagiários sentiram que em algumas modalidades, os objetivos a atingir pelos alunos ainda se mostraram um pouco elevados face ao nível apresentado, especialmente para o sexo feminino.

A questão dos grupos de nível, também foi um dilema durante o ano letivo para os professores estagiários. É verdade que a criação de grupos homogêneos potencia as aprendizagens de acordo com as necessidades/dificuldades de cada aluno, mas será mesmo benéfico juntar os alunos de nível superior num grupo, invés de os distribuímos por grupos com alunos de mais carência para que estes transmitam as suas aprendizagens aos colegas? O facto de o aluno com mais dificuldade contactar com um aluno de nível superior, não irá a ajudar o primeiro a ultrapassar as dificuldades? As modalidades também influenciaram no tipo de grupos utilizados. Como referido anteriormente, o professor estagiário criou várias vezes grupos homogêneos sobretudo nas modalidades coletivas. Esta pareceu ser a escolha mais acertada de modo a poder orientar da melhor forma os alunos, especialmente os que apresentavam melhores dificuldades, já que os erros eram comuns há maior parte dos alunos, possibilitando uma correção mais rápida e eficaz. Já na Ginástica, na maior parte das aulas os grupos criados eram heterogêneos, para que os alunos com maior capacidade de execução ajudassem os alunos com mais dificuldades. Esta situação foi bastante abordada pelo núcleo de estágio, tentando perceber realmente qual a melhor opção consoante as modalidades abordadas, nível dos alunos, situações de aprendizagem mais adequadas.

O aquecimento e a ativação geral e específica foram questões muito debatidas ao longo da formação académica dos professores estagiários. Mas a verdade é que quando se trabalha em contexto real se tem a noção efetiva das coisas. Neste âmbito, surgiram várias, como: será mais vantajoso aquecimento lúdico ou específico da modalidade a abordar? Como e quando aplicar os diferentes tipos de aquecimento, face ao nível de motivação dos alunos? É verdade que os alunos estão mais motivados com a realização de exercícios de carácter lúdico,

contudo em determinadas situações os exercícios analíticos apresentam maior eficiência.

Uma discussão pertinente verificou-se ao nível da avaliação sumativa. Inicialmente, os professores estagiários questionaram-se acerca do valor atribuído à componente sócio-afetiva, comparativamente ao valor atribuído à componente motora. Contudo, verificou-se que era justo já que os alunos que apresentam grandes dificuldades motoras mas que em contrapartida apresentam um enorme empenho na aula, bom comportamento e evolução constante merecerem ser premiados. Estas discussões tiveram origem em casos vivenciados em todas as turmas dos professores estagiários, onde tinha sido observados alunos que demonstraram pouco empenho ao longo das aulas, mas que nos dias de avaliação apresentaram uma grande execução das técnicas a observar, garantido desta forma uma nota bastante boa no final do período.

Outra questão levantada, devido à inexperiência dos estagiários, prendeu-se com a postura do professor em aulas que têm como principal objetivo a realização da avaliação sumativa da componente motora dos alunos. Nestas aulas, será mais importante o professor garantir a circulação pelo espaço da aula e acompanhar a prática dos alunos nas diversas tarefas, ou poderá o professor retirar essa responsabilidade, focando-se apenas na tarefa onde os alunos serão avaliados de forma a recolher informações mais precisas? Serão assim tão importantes as aprendizagens dos alunos nesta aula? Todas estas dúvidas e interrogações surgiram devido à dificuldade sentida pelos professores estagiários em garantir o rigor na realização da avaliação e o acompanhamento dos alunos nas restantes tarefas da aula. Por vezes, nem o próprio tempo definido para a avaliação de cada grupo se mostrava suficiente para observar todos os critérios definidos na grelha de avaliação. Não seria mais justo dispender mais tempo e atenção nos momentos de avaliação sumativa para perceber em detalhe o nível de cada aluno? Chegou-se à conclusão que de facto é necessário corrigir os alunos mesmo que em aulas de avaliação sumativa. Uma forma de não condicionar os alunos na realização prática durante a avaliação sumativa foi utilizar duas aulas de avaliação sumativa, em que numa o professor deixava o aluno a executar livremente sem opinar especificamente face às ações, e na aula seguinte dava o seu feedback durante a realização, corrigindo sempre que necessários os erros cometidos pelos alunos. Por vezes não

foi possível realizarem-se duas aulas de avaliação, mas houve sempre pertinência por parte do professor estagiário de corrigir os erros dos alunos para que a aprendizagem seja contínua e progressiva.

Todas estas questões e as suas variadas análises, embora não tenham sido apresentadas respostas concretas a algumas delas, contribuíram de forma significativa para um crescimento do conhecimento de cada professor estagiário.

8. Impacto do Estágio na realidade do contexto escolar

O impacto do Núcleo de Estágio foi, segundo o professor estagiário positivo, indo ao encontro dos objetivos de todos os elementos do grupo. O clima verificado entre os Professores de Educação Física e os Professores Estagiários foi sempre muito agradável.

A integração dos professores estagiários foi instantânea, logo no início do ano através da realização das reuniões de grupo onde estiveram sempre presentes, existindo uma abertura enorme aos estagiários de forma a intervirem e opinar sobre os vários assuntos. Contudo, apesar da enorme vontade apresentada pelos estagiários em aprender em participar, no início do ano houve alguma timidez na abordagem com a restante comunidade escolar. Essa situação ao longo do ano letivo foi melhorando, com a confiança e conhecimento de cada professor ou elemento pertencente á escola.

Ao longo do ano letivo os professores estagiários, além das atividades que organizaram no âmbito da unidade curricular de Projetos e Parcerias Educativas, participaram nos torneios de Futsal masculino e feminino, e também não menos importante convívio apresentado entre os professores estagiários e a comunidade escolar nos jogos professores vs alunos.

O acompanhamento do cargo de Diretor de Turma, da unidade curricular de Organização e Gestão Escolar, demonstrou o impacto positivo que o estágio teve na escola. O professor estagiário mostrou-se sempre disponível para realizar todo o tipo de tarefas, sendo muito bem instruído pela Diretora de Turma em questão, que lhe possibilitou todas as aprendizagens possíveis, revelando entusiasmo e agrado em

realizá-lo. O facto de o professor estagiário assessorar a direcção de turma do 9ºA, concretamente a sua turma de leccionação, fez com que estivesse mais de perto da realidade de todos os alunos, o que ajudou a perceber os seus interesses, problemas, facilitando de forma significativa no processo de ensino-aprendizagem.

Um outro âmbito do impacto causado pela existência de um núcleo de estágio na escola, tem a ver com a possibilidade de transmissão de novos saberes entre os professores estagiários e os professores que apresentam já algum tempo de formação, contribuindo assim para a formação de ambas as partes.

9. Prática pedagógica supervisionada

“... nos relatórios de todos os subprojectos (referentes à formação inicial e contínua) emerge a partilha de experiências e saberes como elemento formativo fundamental. Se, na formação contínua, esta dimensão se orienta para o trabalho em grupos ou coletivo, na escola, no campo da formação inicial aparece muito referenciado ao apoio de orientadores e de supervisores e à influência do feedback gerado na interação.”

Alarcão, I; Roldão, M. (2008)

Olhando à definição de supervisor apresentada por Alarcão, I; Roldão, M. (2008), *“o supervisor é alguém que influencia o processo de socialização, contribuindo para o alargamento da visão de ensino (para além de mera transmissão de conhecimentos), estimulando o autoconhecimento e a reflexão sobre as práticas, transmitindo conhecimentos úteis para a prática profissional”*. É segundo o referido pela autora que se mostra indispensável a prática pedagógica supervisionada num momento de formação como o Estágio Pedagógico.

Para Piéron (1996), a *“supervisão faz parte de um processo de ensino-aprendizagem no qual as variáveis que determinam o processo agem como em qualquer processo de aprendizagem”*.

Ao longo de todo o Estágio Pedagógico o principal foco de supervisão incidu, não sobre os documentos elaborados pelo professor estagiário, mas sobre a

prática da lecionação das aulas. Todas as aulas foram supervisionadas pela Professora Orientadora, tendo sido realizada uma reflexão conjunta sobre a mesma no final de cada uma delas. A professora Orientadora fomentou sempre o espírito crítico e reflexivo, de modo a que fosse possível perceber as nossas dificuldades e evoluções. O mesmo se passou com os restantes professores estagiários, conseguindo assim obter críticas construtivas através de uma observação pertinente por várias pessoas. Segundo Bento (1987), “ *a reflexão posterior sobre a aula constitui a base para um reajustamento na planificação das próximas aulas, uma vez que proporciona uma definição mais exata do nível de partida, e procede a balanços que devem ser tomados em conta na futura planificação e organização do ensino*”.

“*Os feedbacks sobressaem como essencial ao apoio e à regulação*” (Alarcão, I.; Roldão, M.(2008)). Desta forma, a Professora Orientadora tentou fornecer-nos o máximo de feedbacks possível sobre a nossa prestação em todos os domínios da intervenção pedagógica. Foi a estratégia mais utilizada, e a que conseguiu obter mais sucesso.

No ponto de vista do professor estagiário, a supervisão não se foca apenas ao nível profissional, mas também a nível pessoal. Assim, a supervisão pedagógica mostrou-se também como uma mais-valia, com a liberdade que era dada aos professores estagiários de tomarem as decisões mais corretas, permitindo desta forma a hipótese de se tornarem mais maduros e responsáveis nas suas ações.

Em suma, o professor estagiário considera “*o processo de supervisão pedagógico fulcral no processo de formação*” (Alarcão, I.; Roldão, M.(2008)). Foi determinante na aquisição das suas aprendizagens, através de uma linha de orientação focada na competência, estimulando a prática docente respeitando sempre todas as normas e valores que lhe estão inerentes. Assim , todas as orientações e sugestões transmitidas pela Professora Orientadora foram assimiladas, conduzindo para o sucesso do ensino-aprendizagem. Tal foi visível no aumento significativo da qualidade de ensino por parte do professor estagiário, que denotou uma evolução notória em todas as vertentes que dizem respeito ao ambiente escolar.

10. Experiência pessoal e profissional

O ano de estágio constitui o ano mais importante da formação académica, já que é nesse período onde o aluno vai colocar em prática as aprendizagens adquiridas ao longo de todos os anos de licenciatura e do primeiro ano de mestrado, tendo a percepção real do que efetivamente conseguiu obter ao longo do processo de ensino.

Ao longo deste ano letivo foram várias as experiências a nível pessoal e profissional que o professor estagiário usufruiu, salientando a importância da Professora Orientadora na aquisição de todas as aprendizagens. Sem a sua ajuda e dedicação, a evolução não teria sido realmente conseguida, pelo que leva o professor estagiário a mostrar o seu profundo agradecimento.

A nível pessoal, este último ano de formação académica contribuiu de forma significativa para o crescimento individual do professor estagiário. Desde logo o sentido de responsabilidade para com a escola, e as suas aprendizagens, passando pela pontualidade e assiduidade, a capacidade de iniciativa aliado às tentativas de inovação, a entrega na realização de todas as tarefas e o gosto de leccionar como professor de Educação Física. Estes foram de facto os principais aspectos onde se notaram as maiores evoluções ao longo do ano letivo.

Um fator muito importante e que afetou de forma positivo o desempenho do professor estagiário foi o bom ambiente no seio do Grupo de Educação Física. Desta forma, foi possível vivenciar com professores mais experientes transmitindo valores e conhecimentos essenciais no dia-a-dia como professores mas também como seres humanos. Estas relações inter-pessoais fizeram com que houvesse uma maturação do professor estagiário, percebendo qual a melhor forma de abordar todas as dimensões relativas ao ambiente escolar.

A nível profissional, as vivências realizadas ao longo do Estágio Pedagógico proporcionaram ao professor estagiário um enorme leque de aprendizagens. Em termos do meio escolar, o professor estagiário percebeu claramente a hierarquia adotada pela escola, tendo a percepção de quais as tarefas realizadas por cada funcionário e a forma de abordar dos diversos casos. Por outro lado, e face ao comprometimento pelas aprendizagens dos alunos, houve uma profissionalização por parte do professor estagiário, sendo que foram desenvolvidos todo o tipo de

conhecimentos face aos vários papéis desempenhados pelo professor. Foi na concretização de todo o trabalho realizado no processo ensino-aprendizagem que o professor desenvolveu adquiriu e ampliou todo o seu nível de conhecimentos, mas sobretudo capacidades.

Um dos objetivos mais importantes do Estágio Pedagógico é a aprendizagem na forma de lidar com os alunos. Neste sentido, o professor estagiário, conseguiu adquirir a postura, as ações a desenvolver, observação de necessidades dos alunos, de forma a conseguir realizar uma ação pedagógica coerente, competente e a mais completa possível. Com a ajuda da Professora Orientadora e com os colegas do Núcleo de Estágio, o professor estagiário tentou sempre conseguir obter as melhores formas de ensino. Contudo, por vezes é através do erro que se consegue aprender e melhorar. E hoje, o professor estagiário apresenta maior capacidade em selecionar os estilos de ensino mais adequados face às várias situações de aprendizagem, sendo que as reuniões no final de cada aula foram essenciais para se exporem todos os aspetos negativos, sendo apresentadas soluções às dificuldades sentidas.

A Diretora de Turma que o professor estagiário assessorou também contribuiu bastante para as suas aprendizagens, quer em termos pessoais como profissionais, mostrando uma enorme disponibilidade para ensinar e tirar dúvidas. Assim, considera-se muito importante a participação de acompanhamento neste cargo de administração escolar, para a formação pedagógica. Em termos pessoais, foi muito importante observar a postura e o relacionamento adotado pela Professora Sandra Pereira, com os encarregados de educação, alunos e também perante os vários problemas relativos à turma. Em termos profissionais, salientar todos os conhecimentos adquiridos perante os processos burocráticos abordados neste cargo.

Importante foi também a participação do Professor Francisco Pinto na formação do professor estagiário, mostrando-se sempre disponível na ajuda e criação de uma atitude reflexiva perante os erros cometidos bem como na forma de os ultrapassar.

Concluindo, o Estágio Pedagógico proporcionou ao professor estagiário uma ótima oportunidade de formação, onde conseguiu adquirir e desenvolver conhecimentos e práticas profissionais, além de competências pessoais e sociais. É

notório um crescimento como indivíduo e profissional, considerando-se preparado para desempenhar a profissão de forma competente, eficaz e séria, tendo sempre em conta a necessidade em realizar uma formação contínua juntamente com as análises reflexivas.



11. Bibliografia

Alarcão, I., & Roldão, M. (2008). *Supervisão. Um contexto de desenvolvimento profissional dos professores*. Edições Pedagogo, LDA.

Albuquerque, A. (2003). *Caracterização das concepções dos orientadores de estágio pedagógico e a sua influência na formação inicial em Educação Física*. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Universidade do Porto. Porto.

Arques, D. (2009). *Influência da Instrução do Professor e da Visualização Mental numa Prova de Velocidade; estudo sobre o efeito da Intervenção do Professor e da Visualização Mental, em Alunos do 3º ciclo do Ensino Básico*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Desporto Universidade do Porto. Diogo José Filipe António Barbosa Arques, Porto 2009.

Bañuelos, F. (1992). *Bases para una didáctica de la educación física y el deporte*. GYMNOS.

Bento, J. (1987). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Livros Horizonte.

Bento, J. (2003). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Livros Horizonte.

Cardinet, J. (1993). *Avaliar é Medir?* Edições ASA.

Carneiro, D. (2007). *Análise da instrução do treinador na apresentação de tarefas; estudo comparativo entre treinadores de equipas masculinas e femininas, nos escalões de iniciados e juniores*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Desporto Universidade do Porto.

Costa, F., Carvalho, L., Onofre, M., Diniz, J., & Pestana, C. (1996). *Formação de Professores em Educação Física: Conceção, Investigação e Prática*. Lisboa: Edições FMH.

Graça, A. (2006). A instrução como processo. *XI Congresso Ciências do Desporto e Educação Física. Revista Brasileira Educação Física e Esporte, São Paulo, v.20*, pp. 169-70.

Januário, N., Rosado, A., & Mesquita, I. (Outubro de 2006). Retenção da informação e percepção da justiça por parte dos alunos em relação ao controlo disciplinar em aulas de educação física. *Revista Portuguesa Ciências Desporto, vol.6, no.3*.

Januário, C. (1996). *Do pensamento do professor à sala de aula*. Coimbra: Livraria Almedina.

Neuner, G. (1981). *Pedagogia*. Habana: Libror para la Educacion.

Nobre, P. (2011) Documentos de Apoio da unidade curricular Avaliação Pedagógica em Educação Física – FCDEF. Coimbra

Piéron, M. (1996). *Formação de Professores - Aquisição de Técnicas de Ensino e Supervisão Pedagógica*. Faculdade de Motricidade Humana.

Piéron, M. (1985). Formação de Professores. Revista *Horizonte* vol. I Nº 5.

Ribeiro, A., & Ribeiro, L. (1990). *Planificação e Avaliação do Ensino-Aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Santos, M. (2007). Gestão de Sala de Aula, Crenças e Práticas em Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico. *Tese de Doutoramento em Psicologia da Educação*. Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia.

Shiguno, V., & Pereira, V. (1993). *Pedagogia da Educação Física: O desporto Colectivo na Escola, Os componentes Afectivos*. São Paulo: IBRASA.

Siedentop, D. (1998). *Aprender a Enseñar la Educacion Física*. INDE.

Stenhouse, L. (2004). *La Investigación como base de la enseñanza*. Morata, S.L.

Sanches, M., & Jacinto, M. (2004). Investigação sobre o pensamento dos professores: Multidimensionalidade, contributos e implicações . *Revista da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação* , pp. 131-233

Stenhouse, L. (1975). *Introdução à Investigação e Desenvolvimento Curricular* . Heinemann.